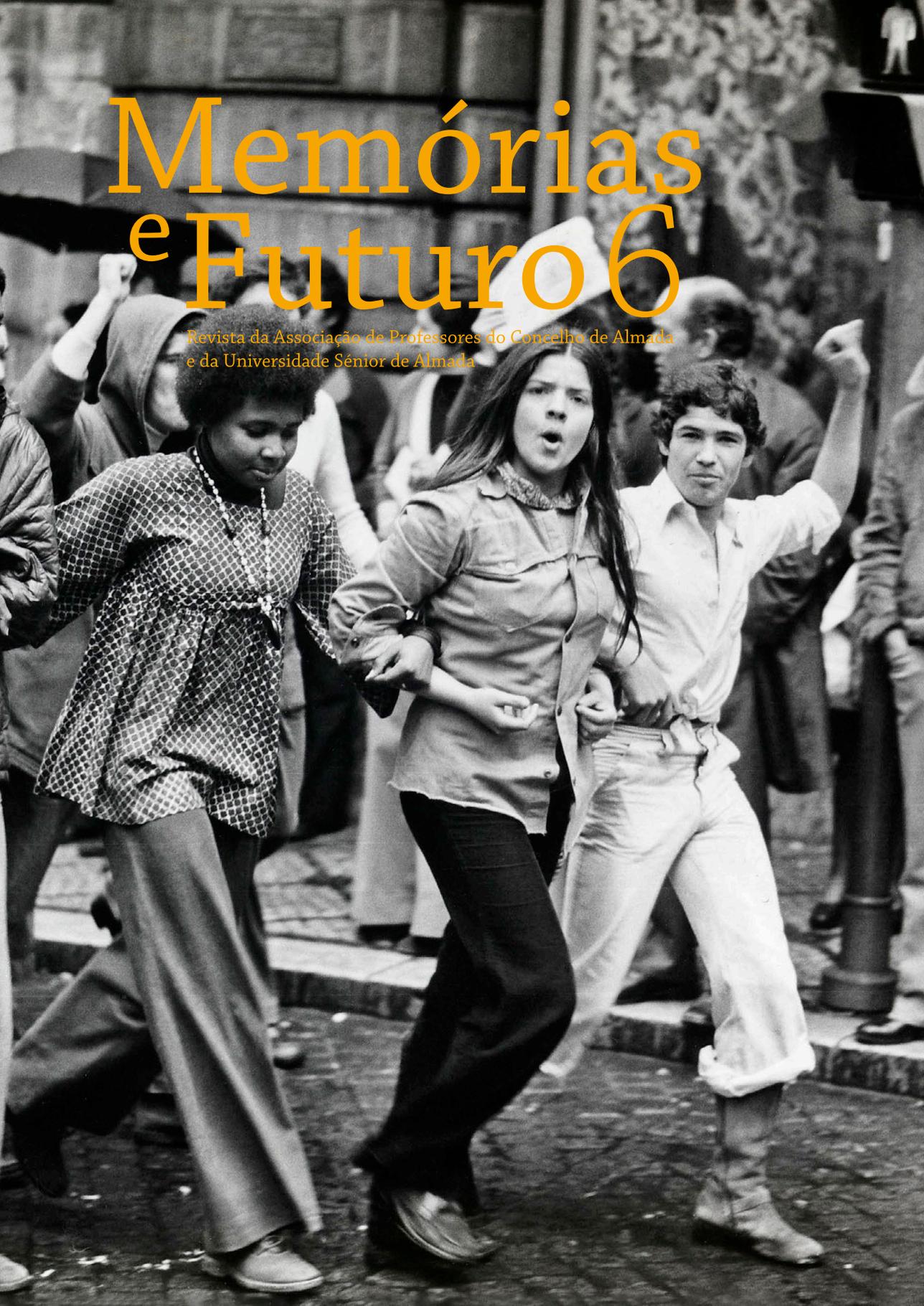


Memórias e Futuro 6

Revista da Associação de Professores do Concelho de Almada
e da Universidade Sénior de Almada



Memórias e Futuro 6

Revista da Associação de Professores do Concelho de Almada
e da Universidade Sénior de Almada

Novembro de 2024

FICHA TÉCNICA

Título: Memórias e Futuro 6

Autor: Associação de Professores do Concelho de Almada

Diretor: Maria Lourdes Albano e Domitila Cardoso

Propriedade e Editor:

Apcalmada – Associação de Professores do Concelho de Almada

Rua da Cerca, 21, 2800-050 Almada

Tel: 219 012 420/1/2/3

Email: apcalmada@sapo.pt

Revisão de Texto: Edite Prada

Concepção Gráfica e Paginação: Eduardo Pulido

Imagem da capa: 25 de Abril de 1974, Lisboa. Autor: Estúdio Horácio Novais.

Data da fotografia original: 25 de Abril de 1974.

ISSN: 1647-3515

Data: Novembro, 2024

Índice

Editorial	5
I – Artigos e outros textos	8
25 de Abril em Almada – Alexandre Flores	9
Lembra-te como foi – Isabel Rosendo e Júlia Carrapo	15
<i>Ora esguardae</i> , de Olga Gonçalves – Edite Prada e Júlia Carrapo	19
<i>A vertente sombria</i> , de Maria José Dória – Edite Prada	31
Mulher, meia-idade e novos desafios – Maria Auzenda Correia	36
Centenário da 1.ª viagem Portugal – Macau - 1924–2024 – Maria Regina Brito Pais	44
II – Atividades	45
Introdução – António Luís Felizardo	46
Escultura na exposição «50 anos do 25 de Abril» – Conceição Freitas e alunos	47
Subida ao poder – Leonilde Vaz Martins	50
Participação da turma de Literatura Portuguesa – Glória de Brito e alunos	51
Participação na exposição dos 50 anos do 25 de abril – Maria José Tomazinho	54
25 th April 1974 firsthand memories – Cristina Barreto, Irene Aragão e alunos	55
Viva o 25 de Abril – Angélica Queirós	63
À conversa com Isabel Mateus – António Luís Felizardo	64
III – Testemunhos criativos	73
50 anos de Abril – Vítor Neves	74
Tempo dos medos – Valter Deusdado	75
Eu estive lá – Maria Antónia Jacinto	76
O meu 25 de Abril foi a 27 de abril – José Simão	79
O 25 de Abril – José Morais	82
Liberdade – Antónia Jacinto	84
Liberdade das palavras – Manuel Valente	88
Os cravos vermelhos – Olga Belo	89
IV – A nossa língua	90
Os nomes de rios e a história linguística de Portugal continental (parte I) Carlos Rocha	91

Exposição – 50 anos do 25 de Abril

Consciente de que é importante deixar registo do que se vai realizando, a Apcalmada-USALMA lança mais um número da revista Memórias e Futuro, prioritariamente dedicada aos 50 anos do 25 de Abril.

Com efeito, com 19 anos de existência ao serviço da comunidade a Universidade Sénior de Almada, projeto maior da Apcalmada - Associação de Professores do Concelho de Almada, associou-se às comemorações da Revolução de 25 de Abril de 1974, dos 50 anos da vida em democracia, em Portugal, com um programa variado que incluiu, exposições, palestras, música, dança, publicações...

A USALMA organizou uma mostra que se constituiu como mais uma iniciativa inovadora desta instituição. A exposição, que esteve em cartaz de 17 de abril a 7 de maio, ofereceu uma oportunidade única de congregar sob a mesma temática expressões artísticas, recolha de documentos e trabalhos realizados em várias disciplinas.

Sob a coordenação da USALMA um grupo de professores empenhou-se para que esta atividade tivesse o sucesso que a efeméride merecia. Constituiu-se uma equipa técnica que selecionou e organizou o trabalho, com o arranjo gráfico de Eduardo Pulido, o apoio científico de Isabel Rosendo e Júlia Carrapo, a revisão de texto de Edite Prada e a montagem de Conceição Freitas e Eduardo Pulido.

A exposição apresentou mais de três dezenas de obras, incluindo pinturas, esculturas, instalações artísticas e vídeos de “artistas” diferentes. O objetivo foi o de “mostrar como os estudantes e professores da USALMA percebem e recordam o 25 de Abril de 74”. Incluiu também depoimentos de memórias da época, fotografias históricas e outros documentos e artefactos.

A exposição estava dividida em três secções principais:

A Revolução do 25 de Abril pelos olhos dos artistas da USALMA num mural de cores vivas que recordavam o espírito revolucionário e a simbologia da data e ainda algumas instalações com peças de escultura e azulejaria.

Dez painéis expressamente organizados, editados e impressos para esta iniciativa: “Apresentação da exposição”; “Portugal antes de Abril – um país amordaçado”; A caminho de Abril – uma das reuniões preparatórias do Movimento dos capitães decorreu na costa de Caparica”; “O 25 de Abril e o 1.º de maio na imprensa portuguesa”; 25 de Abril na imprensa Suíça”; 25 de Abril na imprensa sueca”; 25 de Abril em cartaz”; “Em diálogo com Saramago – Levantado do chão”; Memórias de Abril na 1.ª pessoa” (com dois painéis um em português e outro em inglês).

Outra secção apresentava um conjunto de livros, do acervo da biblioteca da USALMA, selecionados pela respetiva equipa e organizados num catálogo sob o tema Política. Um conjunto de revistas e outros objetos que nos remetem para a época do 25 de Abril: Vinil “Natal de 71”; pins do 25 de Abril; autocolantes do 25 de Abril; imprensa da época; coleção de selos e de caixas de fósforos sobre a temática da exposição.

A direção está muito grata pela colaboração de todos.

Uma das características da exposição foi a interatividade, tendo-se realizado várias iniciativas nesse espaço.

Os visitantes puderam participar de uma palestra inaugural sobre o “25 de Abril em Almada”, proferida pelo professor Alexandre Flores, com a colaboração da disciplina de Escritores Almadenses, tendo a professora Edite Condeixa apresentado evidências da obra de dois escritores de Abril: Romeu Correia e Maria Rosa Colaço. As turmas de Poesia disseram poesias, o grupo de Teatro cantou Grândola e as Danças do Mundo apresentaram uma performance também com essa música de Zeca Afonso. Para encerrar a sessão de inauguração o professor Francisco Naia interpretou canções de Abril, acompanhado por Ruben Martins que integra o Coro da Geração Sorrisos.

Posteriormente as professoras Júlia Carrapo e Isabel Rosendo dinamizaram uma atividade designada por “Laboratório de História: lembra-te como foi...” na qual o público foi convidado a participar com a sua opinião e/ou testemunho.

As professoras Edite Prada e Júlia Carrapo dinamizaram também a apresentação do livro *Ora Esguardae*, de Olga Gonçalves (1982), um relato de Abril em “carne viva”, tendo as turmas de Poesia e de Teatro colaborado com a leitura de poemas da época e de excertos da obra.

Durante duas manhãs os alunos da EB1 Feliciano Oleiro (três turmas) visitaram a exposição. A professora Angélica Queirós e os professores José Carita e Arlindo Louro dinamizaram atividades dirigidas aos alunos do 1.º ciclo, tendo o grupo de Cavaquinhos, interpretado o tema “Somos livres”.

A exposição não enriqueceu apenas o panorama cultural da Apcalmada-USALMA, mas também serviu para congregar vontades em torno de um projeto comum e demonstrou a forma poderosa e a capacidade da arte de refletir sobre temas da história recente.

A exposição dos 50 anos do 25 de Abril constituiu-se como um espaço onde o público, seniores e crianças, puderam contemplar a arte a contar a História. A exposição dos 50 anos do 25 de Abril foi ainda uma oportunidade de entender e debater a história contemporânea recente.

Mas a vida da USALMA não se resume a uma atividade, mesmo sendo ela extensa e abrangente. Muitas atividades decorreram das quais não surgem textos, mas que gostaríamos de referir, como as palestras relacionadas com o património, saúde...

I – Artigos e outros textos



Almada nos 50 Anos do 25 De Abril*

Por Alexandre M. Flores
Historiador e Autor

Celebrar Abril no seu 50.º Aniversário é assinalar a Liberdade e a Democracia, graças ao gesto heroico desencadeado por um grupo de jovens capitães das Forças Armadas na madrugada de 25 de Abril de 1974. Alguns sectores militares tinham iniciado, desde o verão de 1973, uma conspiração como forma de protesto contra a publicação de dois decretos que tentavam suprir a falta de oficiais milicianos, beneficiando-os. Considerando-se prejudicados, os oficiais de carreira, sobretudo capitães, organizam-se em defesa dos seus direitos, através de uma reunião que visava levar o Governo a revogar aqueles diplomas. Esta reunião evolui de um protesto corporativo para um “movimento” que procurava uma saída para o problema colonial, através de vários contactos e reuniões realizadas em Évora, Monte do Sobral/ Alcáçovas, S. Pedro do Estoril, Óbidos e Costa de Caparica. A guerra e a questão colonial juntam-se a outros factores, transformando-se depois numa questão política, pondo-se a hipótese de derrubar o Governo do Professor Marcelo Caetano por um golpe de Estado.



O “Movimento dos Capitães” estrutura-se em 5 de Dezembro de 1973, numa reunião realizada na Costa de Caparica, numa vivenda pertencente a um familiar do Capitão Pinto Soares, e é eleita a primeira “Comissão Coordenadora”, cuja direcção é entregue a Vitor Alves, Vasco Lourenço e Otelio Saraiva de Carvalho. «Ficam ligados à direcção: Hugo dos Santos e Pinto Soares. Vasco Gonçalves, Eurico Corvacho, Tomás Ferreira e Ataíde Banazol também assistem à reunião.

Os capitães prosseguem o processo e, em conjunto com oficiais ligados ao General António Spínola, preparam o golpe militar. A exoneração dos generais António Spínola e Costa Gomes pelo Professor Marcelo Caetano veio dar força àqueles que, dentro do “Movimento”, acreditam num golpe militar que, restaurando as liberdades cívicas, permitisse a tão desejada solução para o problema colonial. Promovem-se outras reuniões, já com a presença de oficiais da Marinha e da Força Aérea, sendo a última realizada numa residência em Cascais. Depois de um levantamento militar fracassado, em Março, o “Movimento” prepara a operação militar que vai pôr fim ao “Estado Novo”.

Na noite do dia 24 e na madrugada de 25 de Abril de 1974 decorre a operação «Fim do Regime», de acordo com o plano previamente definido depois das canções – senhas transmitidas («E Depois do Adeus», de Paulo de Carvalho, cerca das 23 horas, e a «Grândola Vila Morena», de José Afonso, hora e meia mais tarde), as unidades militares saem dos quartéis para cumprirem as missões que lhes estavam destinadas: ocupação das estações de Rádio e da RTP, controlo do aeroporto e dos quartéis gerais das regiões militares de Lisboa e do Norte, cerco dos ministérios do Terreiro do Paço, entre outras acções planeadas. Destas unidades desloca-se, em direcção ao concelho de Almada, uma coluna militar da Escola Prática de Artilharia de Vendas Novas, composta por duas forças comandadas pelos Capitães Oliveira Patrício (à frente de uma bateria com seis secções de bocas de fogo) e Mira Monteiro (com uma companhia de artilharia de quatro pelotões com funções de infantaria), que ocupam, pelas sete horas da manhã de 25 de Abril, as imediações do santuário do Cristo-Rei (ver a 1.ª foto, col. Oliveira Patrício). A bateria, atrás referida, tem como principal objectivo bater em tiro directo qualquer coluna militar afecta ao Governo que tentasse atravessar a Ponte sobre o Tejo, ou qualquer navio hostil que manobrasse no estuário do Tejo, e em tiro

indirecto para outros objectivos pré-preparados. Uma outra coluna militar de viaturas do Regimento de Cavalaria n.º 3, de Estremoz, comandada pelo Capitão Alberto Ferreira, surge, com algum atraso em relação à hora prevista, na Cova da Piedade, que, depois de ir ao encontro dos militares instalados no Cristo-Rei, (ver a 2.ª e a 3.ª fotos, nas quais se vêem, em coluna, militares em Almada, no dia 25 de Abril de 1974), vai juntar-se às tropas comandadas pelo Capitão Salgueiro Maia, em Lisboa. O Destacamento de Fuzileiros e o Grupo n.º 2 de Escolas da Armada da Base Naval de Lisboa, do Alfeite, juntam-se às forças armadas, acabando por cumprir missões de relevo.

Uma força da companhia de artilharia do Capitão Mira Monteiro recebe, no Pragal, pelas 15h15, do dia 25 de abril de 1974, a missão de se deslocar à Casa de Reclusão Militar, na Trafaria, a fim de libertar os oficiais: o Tenente-Coronel Almeida Bruno, os Majores Monge e Casanova e o Capitão Varela, entre outros, ali detidos, acusados na implicação de 16 de Março, conhecido por “Golpe das Caldas”. Esta força fez-se reforçar de uma secção de artilharia guarnecendo um obus 8,8 cm em que, depois de cercado o Forte, entrou em posição de frente ao portão principal. Ordenada a rendição, o portão foi aberto. Os oficiais libertados, escoltados por forças da companhia de artilharia, seguem para



Lisboa. Pelas 16 horas da tarde, do dia 25 de Abril, foi dada uma outra missão à companhia de artilharia para cercar e ocupar o Regimento de Lanceiros 2 (Polícia Militar, Ajuda, em Lisboa). Ao fim da tarde, o Comdte. Costa Correia (com o Primeiro-tenente Vargas de Matos), que se deslocara ao Cristo Rei, vai comandar uma força de fuzileiros para a rendição dos agentes da PIDE/DGS na sede da Rua António Maria Cardoso. Muitos populares ovacionam a Marinha, fazendo com os dedos o símbolo V de vitória. Esta força de fuzileiros vai depois, na madrugada do dia 26 de Abril, pelas 4 horas da manhã, ser apoiada por uma companhia de fuzileiros, sob o comando do comdte. Abrantes Serra, em colaboração com o Regimento de Cavalaria 3, no cerco da dita sede da PIDE/DGS.

Neste dia 25 de Abril, vários cidadãos de Almada ligados à resistência à Ditadura do «Estado Novo» dirigem-se para o Café Calhambeque, em Almada, e para a Cervejaria Guadiana, na Cova da Piedade, dois locais de convívio e discussão política, onde saíram alguns comunicados clandestinos de oposição democrática ao regime, distribuídos em vários pontos do concelho. Ainda existiam interrogações em relação à natureza da acção militar, se era executada pela esquerda ou pela extrema-direita militar. Após duas reuniões nas Escolas do Clube Desportivo da Cova da Piedade e na “Escola das Barrocas”, realizou-se, pela tarde, um plenário na Sociedade Filarmónica União Artística Piedense. Aqui é sugerida a ideia para que os presentes se dirigissem para o morro do Cristo Rei, onde se dão as primeiras manifestações populares de solidariedade no apoio aos militares, levando mantimentos.

Os noticiários, desde o primeiro dia da «Revolução dos Cravos», confirmam a implementação da Democracia em Portugal. Do referido “Movimento dos Capitães”, que corresponde à fase conspirativa, passou-se ao “MFA – Movimento das Forças Armadas”, que vai conduzir o processo revolucionário até às eleições da Assembleia Constituinte.

Pelas 7 horas da manhã do dia 26 de Abril, a unidade de fuzileiros sob o comando do comdte Abrantes Serra tem a missão em ocupar a prisão de Caxias, manter os presos políticos em segurança e posteriormente libertá-los quando a ordem viesse da Junta da Salvação Nacional. No decorrer da noite de 26 para 27 de Abril, alguns presos políticos, residentes no concelho de Almada, são libertados da prisão de Caxias. No dia 27 de Abril. é demonstrado



o apoio popular ao acto revolucionário, através da “Comissão Concelhia do Movimento de Oposição Democrática do distrito de Setúbal” que organiza uma manifestação na Cova da Piedade, reafirmando os objectivos expressos no III Congresso da Oposição Democrática (em torno da reivindicação da solução dos graves problemas nacionais, como a liberdade de expressão, o fim da guerra colonial, a libertação dos presos políticos, a extinção da PIDE/DGS, da Legião Portuguesa e das organizações paramilitares, a abolição da censura, a criação dos sindicatos livres e o direito às greves, contra a submissão aos monopólios nacionais e pelo regresso dos exilados políticos), realizado em Aveiro, em Abril de 1973, sem os quais não era possível a democratização do País. Forma-se um entusiástico cortejo para apoiar o “Movimento das Forças Armadas”, com centenas e centenas de populares que iniciam a marcha na então Rua Salazar (já com a placa apeeda e que o povo quer que seja designada de “Liberdade”, e descem a Avenida Nuno Álvares Pereira, a Praça da Renovação. Daqui a multidão dirige-se à Rua Capitão Leitão e, junto da Incrível Almadense, o cortejo faz uma breve paragem. Alguns manifestantes afixam um cartaz, no qual se exigia a demissão do presidente da Câmara e respectiva vereação. A manifestação, após a sua passagem por outras artérias de Almada,

dirige-se para a Cova da Piedade, dispersando-se no Largo 5 de Outubro. O 1.º de Maio de 1974 é festejado em liberdade por milhares de cidadãos do concelho, percorrendo as principais artérias da cidade, terminando com um comício no campo de futebol do Clube Desportivo da Cova da Piedade.

*Palestra proferida na USALMA, em Abril de 2024.

Bibliografia consultada:

Ver a bibliografia (artigos e livros, incluindo entrevistas), descrita em «Almada nas Vésperas da Revolução de 25 de Abril» (I,II) // «Almada na Revolução de 25 de Abril (III,IV), posts divulgados no FB em 23, 24 e 29 de Abril de 2016.

<https://www.facebook.com/alexandre.flores.7355>

“Lembra-te como foi” – uma oficina de História

Isabel Rosendo e Júlia Carrapo



Na sequência das celebrações dos 50 anos da Revolução dos Cravos, realizou-se no passado dia 18 de abril, uma oficina de História, aberta a toda a USALMA. Tendo como cenário a exposição de trabalhos, pesquisa e testemunhos de alunos e professores, a oficina permitiu avivar memórias e recordar vivências daquele período.

O facto de os participantes terem vivido a mesma época e conhecido a realidade do país levou a uma participação ativa e entusiasmada, proporcionando por isso uma verdadeira interação entre todos.

Partindo de um painel específico da exposição cujo conteúdo fora compilado pelas professoras, abordaram-se temas como a ideologia do Estado Novo, o aparelho repressivo do Estado, a censura, a emigração e a guerra colonial.

1 – A Ideologia do Estado Novo



O culto do Chefe



Nacionalismo



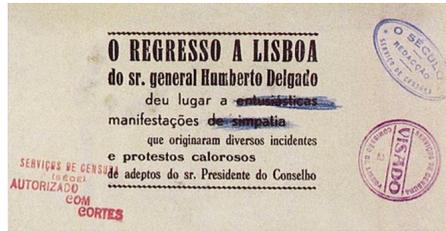
Doutrinação da juventude e propaganda

2 – O aparelho repressivo do Estado



Tortura

3 – Censura



Na literatura, imprensa, cinema, teatro, rádio e posteriormente televisão a censura barrou o acesso à informação livre, coartando a cultura em Portugal.

4 – Emigração



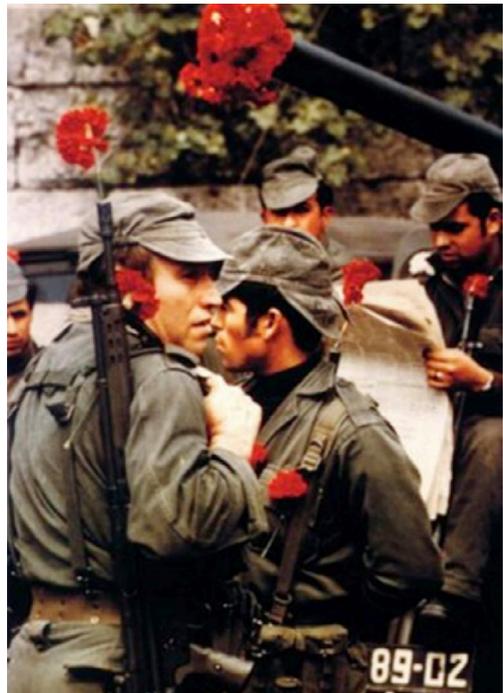
As más condições de vida de muitos portugueses e a guerra colonial levaram a um surto emigratório de grande dimensão, empobrecendo e desertificando algumas zonas do país.

5 – Guerra colonial



Entre 1961 e 1974 Portugal viveu uma guerra desgastante em várias frentes. Do descontentamento dos militares nascerá o 25 de abril de 1974

Relembrou-se a alegria do dia 25 de abril de 1974 e, através da constituição de 76, as grandes transformações que a revolução trouxe ao nosso país.



- Direito de resistência
- Direito à integridade pessoal
- Direito à liberdade e à segurança
- Inviolabilidade do domicílio e da correspondência
- Liberdade de expressão e informação
- Liberdade de consciência, de religião e de culto
- Liberdade de criação cultural
- Direito de reunião e de manifestação
- Direito de sufrágio
- Liberdade sindical
- Direito à greve e proibição do lockout
- Direito à saúde
- Direito à educação

A oficina terminou com um desafio aos participantes: registrar no quadro uma frase com, a que foi para si, a maior conquista de abril.



Ora esguardae de Olga Gonçalves: um relato de Abril em carne viva

Edite Prada e Júlia Carrapo

Biografia

Olga Gonçalves nasceu em Luanda, em 1929 e faleceu em Lisboa em 2004. Estudou em Portugal, frequentou a Universidade de Londres, foi professora de Inglês e colaboradora da Academia de Ciências de Lisboa.



Olga Gonçalves (Luanda, 1929 – Lisboa, 3 de abril de 2004)

Além de poeta, destacou-se como autora de ficção em romances de questionamento sobre a realidade sociológica coletiva.

A partir dos anos 80 e 90, a autora utiliza a linguagem também como registo de transgressão e como forma de caracterizar segmentos da sociedade portuguesa menos refletidos na literatura: figuras do povo, o adolescente ou o emigrante.

Recorre a um estilo coloquial que está patente em *Ora Esguardae* (1982), considerado o «mural» da Revolução.

Susana Moreira Marques diz que a autora fez um dos mais interessantes retratos do Portugal pós-25 de Abril e que a sua obra merecia fazer parte do cânone, ser lida nas escolas, embora, na realidade, poucos saibam quem foi Olga Gonçalves, porque a sua abordagem era muito inovadora e não terá sido compreendida.

Ainda assim, a sua obra continua a ser lida fora de Portugal, onde faz parte de currículos de cursos de literatura portuguesa.

Susana Marques considera que Olga Gonçalves é uma mulher talentosa e complexa, mas também uma mulher solitária com muitos amigos, que morreu (...) com 75 anos, sem deixar quase rasto.

Numa entrevista ao *Jornal de Letras* Olga Gonçalves diz a Cecília Barreira:

“Desde que Freud nos ensinou que sempre que sonhamos estamos a delirar, devo dizer-te que sonho que, de um Portugal caduco, podemos fazer um Portugal mais preparado e mais forte.

Andamos, por enquanto, à procura de uma consciência. O importante será que todos nos empenhemos usando os utensílios que podemos manejar.

Será então o momento de dizeres que deliro, só que posso recordar-te a Guernica de Picasso (eu, sempre, com o Picasso), a simbologia do cavalo caduco do qual nasce um outro cavalo, novo e alado, e que sabemos teve o nome de Pégaso. (...)»

Refletir sobre a Revolução

A mudança que o cavalo novo de Picasso simboliza resulta sempre de um desejo profundo de alteração, tal como a sociedade nova resulta de um processo revolucionário que se suporta num profundo descontentamento que a atinge globalmente. Pode conhecer-se o seu início, mas o resultado será sempre diverso e imprevisível.

Realça-se, como refere Sílvio Renato Jorge, que «... a revolução é um processo, não é uma data». Por outro lado, a Revolução foi vivida intensamente, tão intensamente que não foi imediata a sua passagem para alguns tipos de arte, como, por exemplo, a escrita e falamos de escrita artística, de literatura.

Sobre esta problemática dizia em 1977 José Cardoso Pires:

«Escrita livre, escrita livre, não mais a palavra torturada nem o ghetto do pensar. E, no entanto, passados dois anos de independência, olhamos para trás, vemos reformas, socialização, vida aberta, e nem um só escritor, nem um só grande livro nascido da Revolução.» (José Cardoso Pires. *E agora, José?*)

Ana Paula Ferreira, explicita de certo modo esta perplexidade, esta necessidade de viver intrinsecamente cada momento:

«Reconstruir linguisticamente uma plenitude que permaneceu na ordem do sonho e da fantasia implica o reconhecimento da fratura que impele o sujeito falante, para sempre solitário e desejanter, à ilusão de completude antevista onde braços se entrelaçam em fugazes euforias da História, ou do sexo.» (Ana Paula Ferreira. «Reinventando a História: ficções de mulheres e a revolução de Abril»)

Abril na escrita de Olga Gonçalves

Toda a obra de Olga Gonçalves, sobretudo a narrativa, deixa perpassar pelo comportamento das personagens um tempo de mudança, ou de maturidade para a mudança. As mais relevantes são, todavia:

1975 – *A floresta em Bremerhaven* – livro cujo tema é a emigração, mas que tem já subjacente o 25 de Abril.

1982 – *Ora Esguardae* – na opinião de Ana Paula Ferreira esta obra «Apresenta-se como mural polifónico. Os fragmentos de conversas, discursos, evocações, relatos correspondentes a tempos históricos espaços geográficos e ideologemas diferentes articulam a procura de toda uma sociedade nos meandros de um passado que explique o impasse revolucionário do presente.» Ana Paula Ferreira. Obra citada.

A obra *Ora Esguardae*

Ora Esguardae foi, segundo muitos investigadores, o primeiro romance que adota como tema central a Revolução dos Cravos na sua plenitude, ou seja, com todo o contexto que a envolve quer antes, quer depois.

Na abordagem que vamos fazer, socorremo-nos de citações da obra brevemente comentadas.

Paratexto – nota



Para preparar a escrita de *Ora Esguardae*, Olga Gonçalves teve apoios que regista numa nota prévia da sua obra:

«Ao apresentar um projecto que constituía a execução deste livro, a Tinker Foundation, de Nova Iorque, atribuiu-me uma bolsa para trabalhar no National Humanities Center, Research Triangle Park, na Carolina do Norte, durante o ano académico de 1980-1981.»

E conclui com uma abordagem positiva, fruto da sua observação:

«... nas duas margens do Oceano Atlântico há seres empenhados na Justiça e na Paz, o que me fez olhar mais alto a nossa humanidade.»

Ora esguardae, pp 9

O título desta obra é diretamente inspirado em Fernão Lopes, que a autora cita como epígrafe, na página 11: «Ora esguardae, como se fossees presentes...» Crónica de D. João I.

Recordemos um pouco quem foi Fernão Lopes. Viveu aproximadamente (não se tem a certeza da data de nascimento) entre 1385 e 1454. Foi Guarda-mor da Torre do Tombo entre 1418 e 1454 e o 1.º cronista oficial do reino entre 1434 e 1454. Escreveu, a pedido de D. Duarte, a Crónica de D. João I e a de D. Duarte.

É na crónica de D. João I que Fernão Lopes marca a diferença com os cronistas do seu tempo. Nesta crónica vemos o povo a agir e o que começou por ser uma ação direta do mestre de Avis apunhalando o conde Andeiro transforma-se numa revolta popular - ao grito de matam o mestre a arraia miúda de Lisboa acorre, dando cobertura ao ato do filho ilegítimo do rei D. Pedro.

Nesta crónica, a burguesia e a arraia miúda são protagonistas, tal como no 25 de Abril, o Movimento dos Capitães passa de um levantamento de militares descontentes para um movimento de massas que se estendeu a todo o país.

Voltando a *Ora esguardae*, a referência que Olga Gonçalves faz a Fernão Lopes, segundo Sílvio Renato Jorge, pode ser justificada por dois elementos:

1 – «Busca de entendimento **da relação que o homem do povo estabelece com a sua nova e surpreendente liberdade**»

Ilustremos levemente, citando Fernão Lopes no relato do cerco de Lisboa:

a) **Antes da libertação:**



Página iluminada da Crónica de D. João I, com uma vista de Lisboa do séc. XV <https://antt.dglab.gov.pt/wp-content/uploads/sites/17/2018/10/PT-TT-CRN-8.jpg>

Ora esguardai, como se fôsseis presentes, uma tal cidade assim desconfortada e sem nenhuma certa fiúza de seu livramento, como viveriam em desvairados cuidados...

b) **Depois da libertação:**

Ó geração que depois veio, povo bem-aventurado, que não soube parte de tantos males, nem foi quinhoeiro de tais padecimentos! os quais a Deus por Sua mercê prouve de cedo abreviar doutra guisa, como acerca ouvireis.

c) **Comentário:**

Que fremosa cousa era de ver! Em tão pouco espaço, através dum tão estreito rio, ver cinquenta e sete naos, e trinta galés, todas armadas e corregidas, com desejo de empecer umas às outras! Fernão Lopes, Crónica de D. João I

Os pequenos excertos apresentados permitem estabelecer uma correlação entre a situação vivida no séc. XIV e a que foi vivida no contexto da Revolução dos Cravos.

Retomamos o segundo elemento referido por Sílvio Renato Jorge:

2 «**Reflexão sobre a escrita**, o texto demarcado como uma “pincelada esbatida” em seu jogo de velar e desvelar (...) inerente a todo o processo de criação literária.»

Acerca da escrita, muitos aspetos podem ser abordados. Fixemo-nos apenas na construção da fidelidade à verdade histórica, que pode passar, como veremos, pela análise crítica das fontes:

Escreve Fernão Lopes: «*Huns dizem... mas tal escrever é muito errado...*»; «*Outros dizem...*».

Estas breves indicações alertam o leitor para uma realidade incontornável: o que cada um regista está sujeito à sua própria interpretação.

«*Mas um outro autor, a cujas razões nos mais acostumamos, falando neste passo diz assi:*»;

«*Mas um outro compilador destes feitos, de cujos garfos por mais largo estilo exercitamos nesta obra segundo que compre, reconta isto desta maneira...*»

Os dois aspetos que nos parecem mais relevantes nestas breves citações prendem-se, por um lado, com a subjetividade de quem relata, por outro lado, com a necessidade que o investigador sente de ser crítico e de se prevenir contra potenciais enganços.

Além dessa preocupação que Fernão Lopes manifesta de analisar criticamente as fontes a que recorre, podemos ver, em alguns momentos, marcas de um poder característico do escritor, ou melhor, de qualquer emissor: a forma e o momento em que a informação surge é opção sua:

«E pois temos aqui a pena, e [por] nom torvamos depois a ordem do que havemos de falar, digamos logo outro bom jogo d’Afonso Anriques que veo na frota...»

Fernão Lopes explicita, claramente, o seu domínio do ato narrativo.

1 - A revolução

Os oficiais de carreira do exército português estavam descontentes com a sua situação profissional face aos oficiais milicianos, pois viam-se ultrapassados por estes.

Começaram a reunir-se secretamente numa tentativa de desencadear ações conducentes à resolução do seu problema.

Gradualmente, ao tentarem resolver o seu problema profissional foi surgindo em algumas mentes a consciência de que a situação política do país precisava, também, de mudanças. E desta forma surgiu o Movimento dos Capitães.

Olga Gonçalves opta por apresentar pequenos momentos ou quadros relevantes e explicita essa opção desde o início (o negrito é nosso):



<https://folhadpoesia.blogspot.com/2013/09/falaria-do-jubilo-revolucao-pura-e.html>

«FALARIA do júbilo, do frenesim, da glória e da coragem do acontecer. Mas calo-me. **Antes, olhai.** Pois que tudo aconteceu tão pleno, o quê?, ah sim, era ainda Abril, as pessoas sorrindo, mesmo ali, iam e vinham ao longo da rua, seiva no emaranhado das pálpebras, estrépito de muitas emoções rolando corpo inteiro.»

Pp 13

Reações no estrangeiro – fruto da investigação da autora

Já vimos acima que Olga Gonçalves obteve uma bolsa para investigar antes de escrever *Ora Esguardae*. Alude brevemente a essa investigação quando refere jornais estrangeiros que relatam a revolução portuguesa:

«‘Abaixo o Fascismo!’, contraídos os lábios, ‘Feriado Nacional no 1.º de Maio!’, lia-se por sobre os muros, suspeitosa a voz do *Guardian*: para o povo português este dia será essencial, este dia será um teste.

Qual teste, qual carapuça! Também o *Times*? Isso são tudo jornais lá de fora, andam todos com a atenção pregada na gente, bem nos importa a nós o que digam! Que se cheguem à Alameda, que espreitem ali ao Martim Moniz, é ver o Dia do Trabalhador! Ordeiro o nosso povo, sim senhores, a Junta não há de arrepender-se de ter confiança. Ahn?... Ah, sim? Pois se a direita está na esperança de que haja barulho, bem lhe podem dizer que errou as contas, a malta vai portar-se que nem na procissão da Senhora da Saúde, que é a coisa que uma pessoa mais deseja!»

Pp 13/14

Mudanças na sociedade

A sociedade sofreu grandes alterações graças ao 25 de Abril, por vezes vividas com surpresa:

«E assim os olhos se rasgaram, pois que, lembro-me, ao princípio, as tardes a dourarem-se, a remirarem-se através de nós, e novas falas com ânimo de carne, portanto carne rara, e novos pactos, portanto uma outra aragem, imaginai-nos, tão-só vivendo de ímpeto, e de algo mais que, fechado nos braços, seria sem rigor mistura de alegria e briga e desespero.»

Pp 14

«Nada sabíamos desse tempo de ser. Na hora nos deitávamos, sem olharmos à calema, ou antes, fruindo a onda quente, e como?, bem soltos, carregados de querer, mas de medo também, do medo que nos secara derretera os sonhos.»

Pp 15

A estrutura política e a interação social também se alterou e o relacionamento entre as pessoas nem sempre foi fácil:

«E vieram os partidos com sua grande exaltação. Cada um dizendo lutar contra o fascismo, os homens começaram a agredir-se, aquele é facho!, aquele é pelo tempo da outra senhora! — dizendo-se todos de cara limpa surgiram de todas as artérias, do forro escuro das barracas, do rombo espetacular da burguesia, chegaram às praças onde havia bandeiras, os muros e as estátuas ostentando grafiti, línguas deixadas à mercê, revolta, e já não a mesma ordem de perder, já não a mesma ordem de calar, vivia-se! Alguns impertinentes e de má vontade gritavam andam a sujar a Cidade!, contudo o mesmo por todo o País, o risco do carvão, contando, armando, divulgando, assim se tomavam íntimas as classes.»

Pp 16

A Revolução não da arma, mas da palavra

Regista-se uma referência clara ao fim da censura:

«Cedo, a palavra liberta, ardinias vão e vêm, anunciam os jornais sem censura, «*NUNCA choraremos bastante quando vemos / o gesto criador ser impedido...*»

Pp 17

A breve transcrição acima corresponde aos dois primeiros versos de um poema de Sophia de Mello Breyner Andresen:

Pranto Pelo Dia de Hoje

Nunca choraremos bastante quando vemos

O gesto criador ser impedido

Nunca choraremos bastante quando vemos

Que quem ousa lutar é destruído

Por troças por insídias por venenos

E por outras maneiras que sabemos

Tão sábias tão subtis e tão peritas

Que nem podem sequer ser bem descritas

Olga Gonçalves foca também a prática jornalística anterior ao 25 de Abril, que tentava, muitas vezes, iludir a censura:

«Ah, o texto!

cortar, acrescentar, significar, mascarar, desfigurar, exceder, converter, substituir, e a metáfora, e a ambiguidade, e as outras formas do discurso, a alteração da sintaxe, distorcer, obscurecer, inventar, escapar ao ‘lápiz azul’ do censor, um grande malabarismo a literatura de jornal, de jornal e não só, mete-lhe aí um parêntesis, agora parágrafo, não achas que está mesmo à vista, pá?, achas que passa, pá?, os gajos topam-nos pá!

Ah, o texto! a pincelada esbatida»

Pp 17

A independência das colónias

A independência das colónias é também registada:

«Guiné-Bissau

Cabo Verde

S. Tomé e Príncipe

Moçambique

Angola

— negociações com os movimentos de libertação das províncias ultramarinas! O inimigo éramos nós, as mães metendo os filhos em farda para irem bater o negro, e para quê bater o negro?, além qual sala de teatro, ninguém com gosto, com brio, com esperança no seu papel, tudo impiedoso, só aparência Os povos são assim?»

Pp21/22

«Sem termos descansado de havermos sido outros, o País tentava o acesso a si mesmo, Novembro de Setenta e Cinco, vaivém de sombras e de ameaças, de passos inquisidores, alguns juntaram sílabas fortes, Vivam os Estados independentes de Angola e de Moçambique!»

Pp 23

Os retornados com a sua complexidade, variedade e, mesmo, perplexidade, não são esquecidos:

«Foi assim.

Entre as bagas fortes das chuvas outonais, a precipitação para um novo presente, verdades grandes e verdades pequenas, colono habituado à piedade, sem nunca ter entendido o que seja a perfeita justiça, agora retornado?, e retornado porquê?, seres em desmoronamento da sua humanidade, vítimas do eroso da hora, a milénios de poder aceitar ou poder repartir a amplidão do futuro.»

Pp 23

As mulheres e a revolução

A forma como a mulher reage também merece referência:

«Esta mulher abriu a porta, assomou, essa mulher saiu depois. Que elas também vieram, muitas esperavam, antes fadas tutelares, antes esposas de austeros compostos senhores, fazedoras de bilros, tortas, paste-linhos, em sua grande reserva tinham também despertado com um cravo nos dentes.

Noutras manhãs, outras se lhes juntaram, para muitas a algema e a sujeição faziam parte das suas vidas, não digas ámen a tudo!, porque ficas ainda em casa?, e pertenceram às comissões de moradores, e aos sindicatos, e às comissões de trabalhadores, às autarquias locais, algumas se votaram à política, devagar sorviam o regozijo de um novo nascimento.»

Casal Albano e Gracinda retratos divergentes de um tempo

Para alargar a análise, Olga Gonçalves centra-se em algumas famílias de diversos estratos sociais, ilustrando, dessa forma, as reações e alterações que a sociedade vai sofrendo. O primeiro casal que surge e cujo ponto de vista permite caracterizar um conjunto bastante alargado de situações é formado pela mulher a dias, Gracinda, e pelo trabalhador da construção civil, Albano. As suas atividades permitem-lhes ter experiências diversas e Gracinda, que entra em diversas casas, acaba por transmitir uma grande variedade de comportamentos:

«**Albano** — «Agora, sim! Uma pessoa até compra o jornal que quer, ninguém lhe fica a olhar para as mãos, e mesmo que fique, pronto!, aceita-se! Além de que até há mais jornais.»

Gracinda — Eu não ponho dúvidas a isso, não, não ponho dúvidas. Só acho é que esta coisa da Democracia, de se poder dizer tudo às claras sobre os que têm o mando, sobre o que se passa...

(...)

— Eu vou prà senhora do Restelo, só oiço ralhos, vou prà outra da Estrela, Jesus Nossa Senhora!, todos ali cheios de razões! Vou pròs outros, olha, o 25 de Abril transtornou tudo. Foi bom, foi. Nem se dirá menos disso, mas é como a que tivessem pegado fogo à nossa volta.

(...)

— Ele é pais com filhos, genros com sogros, ele é os amigos, é irmãos... que torna e que deixa, cada qual a puxar para que a sua ideia é que vença, há famílias inteiras que já não se visitam.

Albano — Tinha de ser assim.

Gracinda — Credo, homem! E não podia ser doutra maneira?

Albano — Ao estado a que chegaram as coisas, nunca podia ser de outra maneira.»

Bibliografia

- FERNÃO LOPES, *Crónica de D. João I*. Disponível em: https://imprensanacional.pt/wp-content/uploads/2022/09/D-Joao-PAG_AF_E_ma.pdf (acesso março 2024)
- FERREIRA, Ana Paula. «Reinventando a História: ficções de mulheres e a Revolução de Abril» In *Letras de Hoje*, n.º 1, Porto Alegre, 1996
- GONÇALVES, Olga. *Ora Esguardae*, Lisboa, Editorial caminho, 1989
- JORGE, Sílvio Renato (UFRJ). «Os cravos de Abril em narrativa de ficção: reflexões sobre a “garganta milimétrica de Abril”» in *Metamorfoses*. Disponível em: <https://doi.org/10.35520/metamorfoses.2011.v11n1a21837> (acesso em fev 2024)
- Jornal de Letras*, s/ data, entrevista a Cecília Barreira. Disponível em: <https://luso-grafias.wordpress.com/2014/02/14/olga-goncalves-sonhar-portugal/> (acesso: 18-1-2024)

MARQUES, Susana Moreira. “Série Escritoras Desconhecidas: Olga Gonçalves”. *Diário de negócios*. 2019 (adaptado) disponível em: <https://www.jornaldenegocios.pt/weekend/detalhe/serie-escritoras-desconhecidas-olga-goncalves>

MATOSO, José. *História de Portugal*. Lisboa, Circulo de Leitores, s/d

Olga Gonçalves in <http://livro.dglab.gov.pt/sites/DGLB/Portugues/autores/Paginas/PesquisaAutores1.aspx?AutorId=7628> a partir do *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses*, Vol. V, Lisboa, 1998 (acesso: 18-1-2024. Adaptado)

PIRES, José Cardoso. *E agora, José?* Lisboa, Moraes Editores, 1977. pp. 275. Apud Sílvio Renato, indicado acima

ROSAS, Fernando. *Salazar e o poder Poder - A Arte de Saber Durar*. Lisboa, Tinta da China, s/d

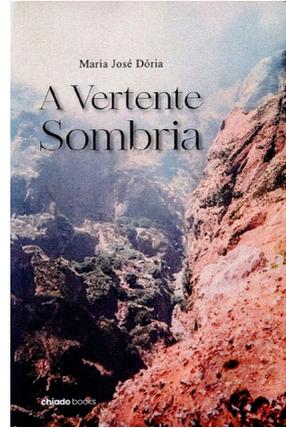
SERRÃO, Joel. *Dicionário de História de Portugal*, Lisboa, Ed. Figueirinhas, s/d

A vertente sombria - apresentação

Edite Prada

A apresentação do livro *A vertente sombria*, de Maria José Dória, é uma das atividades integradas nas comemorações do 25 de Abril, porque, sem ser um romance histórico, ilustra muito bem um conjunto de eventos e de situações associadas à Revolução dos Cravos.

Com efeito, ao longo da obra, o leitor assiste não só à construção, auge e decadência da Casa da Encosta, como a muitas das grandes alterações da sociedade portuguesa ao longo do século XX, sendo sempre a Casa o epicentro ao qual as personagens vão regressando.



Os habitantes residentes da casa são os seus fundadores e as três filhas. A terceira geração, os netos dos fundadores, têm com a Casa da Encosta uma relação semelhante à que muitos dos leitores terão face à terra dos pais, ou dos avós: aí encontram um lugar de lazer e descontração.

No entanto, também para a terceira geração, as paredes e os jardins da casa são centralizadores e testemunham momentos relevantes das suas vidas.

A ação da obra organiza-se, de certo modo, como uma narrativa encaixada e conduzida através das lembranças de Zélia, uma das últimas personagens que a casa «influencia». No início, o leitor assiste à breve descrição de um sonho desta personagem no qual ela é conduzida à Casa da Encosta:

«Naquela noite, sonhara mais uma vez com a Casa da Encosta e o fulgor do sonho deixara-lhe um travo de perplexidade, um rasto da antiga nostalgia que julgara nunca mais voltar a sentir.» p. 12.

O último acontecimento da narrativa traz-nos de novo Zélia, não em sonho (ou será?), mas presencialmente, à Casa da Encosta:

«A casa estava encerrada, mas ela subiu a escadaria e passeou lentamente pela varanda imponente de pedra, revendo com uma nitidez impressionante os momentos que ali passara...»

Esta presença de Zélia poderá levar-nos a reconhecê-la como narradora dada a sua relação privilegiada com a casa e com uma personagem relevante, Matilde, fonte de grande parte do conhecimento que foi adquirindo relativamente à Casa.

À medida que as personagens vão evoluindo na narrativa, a realidade histórico-social do país vai sendo mostrada e, sendo esta obra, como já se referiu, enquadrada nas comemorações dos 50 anos do 25 de Abril, centrar-nos-emos, não propriamente na história da família, mas nessa realidade.

Como primeira referência salienta-se participação de Acácio, irmão da matriarca da Casa da Encosta, na revolta do 31 de janeiro de 1891, que teria como objetivo o derrube da monarquia.

Sempre sensível aos aspetos político-sociais, o narrador vai dando conta de situações diversas, como, por exemplo o futuro que esperava muitos dos jovens:

«Os jovens que não mostravam aptidões para a indústria ou para a formação académica eram colocados em casa de artesãos, sapateiros, tamanqueiros, tanoeiros, ferreiros, ou correeiros. Estes não desdenhavam esta mão-de-obra barata e facilmente moldável...» p. 47

Outros aspetos da sociedade vão sendo apresentados de forma mais ou menos discreta. A Casa da Encosta, cujos patriarcas têm três filhas acaba por ser o espaço ideal para, ao de leve, deixar perpassar a forma como a sociedade encarava a mulher. Referimos o caso de Isabel, a filha do meio, que vê o seu noivado ser desfeito na véspera da data combinada para o casamento. Em casos destes o ónus era sempre associado à mulher, que alguma coisa de errado teria feito:

«Era sempre a noiva que saía lesada, condenada para sempre ao limbo do celibato...» p. 27

Num tempo em que as deslocações não eram muitas, e raramente para longe (com exceção da emigração), há um conjunto de trabalhadores essenciais em grandes obras, como pontes e barragens, que se deslocavam um pouco por todo o país, ficando em cada local o tempo necessário à execução da obra em que estavam envolvidos e sem se sentirem nunca completamente integrados no espaço social onde passavam algum tempo. Esta situação era sobretudo

relevante para os jovens em idade escolar, muitas vezes sujeitos a transferência de escola ao longo do ano letivo. Conhecemos esta realidade através, mais uma vez, de Zélia:

«Mas também pensava, de si para si, que por causa disso fazia parte do seu temperamento um certo distanciamento social e um desenraizamento que as pessoas que nasciam, viviam e morriam pertencendo sempre à mesma comunidade talvez nunca experimentassem (...) cogitava que devia ser bem doce e bem agradável ter uma casa numa aldeia, um lugar seguro a que pudesse regressar sempre que o cansaço da vida e das suas desilusões o exigissem...» p 124

Um pouco mais tarde, o facto de Zélia (quicá a narradora, ou personagem cujo ponto de vista o narrador adota muitas vezes) frequentar o ensino num grande centro permite a descrição de situações em que os jovens se envolvem e do controlo a que estavam mais ou menos sub-repticiamente, sujeitos:

«Em público, no café, as conversas eram cifradas numa espécie de código ingénuo, que se revelaria inútil se houvesse verdadeiras denúncias ou suspeitas fundamentais de atividade proibida. Era frequente encontrarem, numa mesa pouco afastada do grupo, um homem só, aparentemente ocupado na leitura do jornal, mas de ouvidos atentos ao que se passava. O braço de polvo da polícia estendia-se também aos grupos de estudantes dos últimos anos do liceu, que em breve iriam engrossar as fileiras de mobilizados para o serviço militar.» p 115/116

É interessante verificar a subtil coexistência de tempos, com o tempo da escrita a interferir com o tempo da ação. Quando o narrador diz que o código adotado pelos jovens se revelaria inútil caso a situação se agravasse, está a investir um conhecimento que não era o dos jovens, mas que é, já, o do narrador quando escreve.

Sempre atento às alterações sociais, o narrador não deixa de registar as alterações que a sociedade portuguesa vai sofrendo, com destaque para a emigração e para a guerra colonial

«A partir da década de sessenta, o eclodir da guerra em África e a emigração massiva motivada pela miséria generalizada que o país atravessava, sangraram e empobreceram as pequenas e as grandes

propriedades rurais. Começaram a fazer-se sentir, cada vez com maior acuidade, os danos provocados pela escassez de mão-de-obra e pela diminuição das trocas comerciais.» p. 108

Destes dois fenómenos o que é mais explorado é a guerra colonial, sendo dados testemunhos de diversas situações, como o embarque dos soldados, a importância das madrinhas de guerra e, muito importante, o desgaste mental causado em muitos dos soldados, sempre tendo como elemento de ligação um dos membros da Casa da Encosta:

«Como sucedeu com a grande maioria dos combatentes que regressaram, sobrevivendo à violência das comissões de serviço, José António pouco ou nada contou do que lhe aconteceu no interior da selva africana. Nunca confessou à família os danos morais e psicológicos que lhe provocaram a ansiedade, a violência e o perigo dos ataques, das emboscadas e do rebentamento de minas.» p. 144

Paulatinamente, à medida que a história das personagens evolui, evolui igualmente a história de Portugal, chegando o dia da Revolução:

«Por essa mesma altura, um grande descontentamento começava a grassar entre os exaustos militares, milicianos e de carreira. O regime ditatorial, esgotado, isolado, fragilizado pela morte do ditador, pela pobreza e pela instabilidade social começava, finalmente, a entoar o canto do cisne.

O vermelho que, nesses dias de revolta, alastrou pelas ruas de Lisboa foi quase só o dos cravos que uma alfacinha madrugadora ofereceu aos soldados com quem se cruzou. (...)

Ao fim do dia, misturados com a turba eufórica que tomara Lisboa de assalto, foram festejados como heróis.» p. 116

Muitas foram as alterações positivas, quer imediatas, quer a longo prazo, que a Revolução dos Cravos trouxe. O narrador foca-as. Mas foca também aspetos marcantes que talvez não tenham sido previstos, ou que o não foram pela grande maioria dos abrangidos. É o caso da independência das ex-colónias e o subsequente regresso de muitas pessoas. A situação é-nos mostrada, de uma forma geral:

«Depois da chegada, as famílias eram alojadas, quase todas precariamente e sem nenhuma privacidade, em instituições de solidariedade social, estâncias balneares, hotéis, seminários, colégios, enfim, em edifícios devolutos ou com pouca ocupação cujas dimensões permitiam acomodar um grande número de pessoas.» p. 177

Mas também de forma mais individualizada, uma vez mais através de personagens associadas à Casa da Encosta:

«Foi ao dobrar a esquina da praça principal que Leonor começou a ouvir um ruído repetitivo, singularmente grave, pesado, inquietante, e perturbador que se aproximava cada vez mais. (...) Então, todo o terror e pânico em que vivera até há pouco caíram de novo de chofre sobre o coração da jovem. Quedou-se imóvel e silenciosa, encostada às portadas de um prédio, muito pálida, coberta de suores. Com a boca seca, as mãos e as pernas dormentes. (...) Viu sair um rapaz não muito mais alto do que ela, de ombros robustos e olhos escuros.

José António fixou-a, surpreendido e, logo em seguida, com um estranho olhar de comiseração. Os traços inconfundíveis do pânico, que ele tão bem conhecia, marcavam o rosto da jovem. A extrema palidez, os olhos desorientados, os lábios apertados pelo terror tinha-os ele visto muitas vezes nos companheiros de armas, durante os ataques e as emboscadas que faziam parte do seu dia-a-dia, três anos atrás. (...)

Foi esse reconhecimento, bem como o desejo de a proteger, que o fizeram sentir-se irresistivelmente atraído por Leonor (...) Amparou-a, pegando-lhe levemente no braço» p. 182

Note-se a descrição indireta de José António, visto através dos olhos de Leonor.

O que aqui se descreve é a ínfima parte do que se pode encontrar na obra *Vertente sombria*, de Maria José Dória, obra que merece uma leitura atenta e integral.

Mulher, meia-idade e novos desafios¹

Maria Auzenda Correia

Numa perspetiva histórica podemos reconhecer que após o 25 de Abril de 1974 e até à atualidade, agora que se vão comemorar os seus 50 anos, se verificou uma notável evolução da situação social da Mulher nas mais diversas áreas, embora ainda haja muitos aspetos em que é necessário lutar para conseguir acabar com as injustiças sociais que diminuem o papel da mulher na nossa sociedade e são ainda muitos os Desafios que temos de enfrentar.

Com efeito, verificamos que atualmente as mulheres desempenham um papel muito significativo e muito determinante em áreas que até há relativamente pouco tempo a Sociedade considerava que lhe estavam vedadas, pois não seriam adequadas para a chamada condição feminina, de que são exemplo:

- direção das grandes empresas públicas ou privadas
- órgãos superiores de justiça
- medicina e cirurgia
- forças de segurança
- forças armadas
- partidos políticos / deputados / governo

Apesar desta grande evolução, em que atualmente todas estas áreas estão felizmente ocupadas por grande número de mulheres, a nossa Sociedade continua a ser profundamente marcada pelo patriarcado e verificamos ainda ser grande a desigualdade entre o género masculino e o feminino.

É uma realidade que na situação salarial existe a nível global no nosso País, um fosso salarial de cerca de 15-19% inferior para as mulheres, dependendo dos sectores. Não se aplica, pois, sempre o princípio de que “*a trabalho igual, salário igual*”. Este é um dos aspetos que é muito importante reverter no futuro, para conseguir uma verdadeira igualdade entre os géneros.

¹ Comunicação proferida a 23/03/24 na Associação de Saúde e Solidariedade da Diáspora Cabo Verdiana em Almada, Na Sessão subordinada ao tema «Antigos e novos desafios na saúde da mulher».

Outra área em que se verificou um progresso enorme, e centrando-nos agora no campo da saúde e na liberdade sexual da mulher, tem a ver com aprovação há alguns anos atrás da Lei da Interrupção Voluntária da Gravidez (IVG) - (Lei n.º 16/2007 de 17/04/2007).

Apesar da evolução que já constituía a Contraceção Medicamentosa e por outros métodos, bem como a existência das Consultas de Planeamento Familiar nos Centros de Saúde, o que se verificava é que, apesar disso, continuava a ser frequente a prática do aborto clandestino.

Esta prática, implicava todos os nefastos riscos bem conhecidos para a saúde física e psicológica, que por vezes levavam à morte da mulher que recorria a esses métodos ilícitos, tão bem caracterizados nas pinturas que Paula Rego realizou em 1998, como forma de manifestar o seu apoio no referendo nacional para aprovação da IVG e de que abaixo reproduzimos dois exemplos.



Era também uma realidade que na altura, apenas alguns privilegiados se podiam deslocar ao estrangeiro para, em segurança, colocar fim a uma gravidez não desejada. Situações de gravidez indesejada com origem nos mais diversos motivos (idade, saúde, dificuldades económicas, problemas sociais

e familiares) ou ainda de origem criminosa como a violação ou resultantes de violência doméstica.

Apesar deste direito conquistado pelas mulheres, vemos com apreensão as vozes do passado recentemente levantadas, que pretendem rever ou acabar com a IVG, a qual representou um progresso inquestionável na libertação da mulher, apesar ainda das dificuldades conhecidas que existem no Serviço Nacional de Saúde e na sua aplicação universal para todas aquelas que se encontram dentro nos critérios definidos na Lei. Por isso, é um desafio que se levanta a todas nós evitar o retrocesso da Lei, apesar de eventuais questões de credo que se possam levantar.

Centrando-me na problemática da Mulher de Meia Idade e segundo a Organização Mundial da Saúde, a meia idade é aquele período da vida da mulher que se encontra compreendida entre os 45 e os 59 anos, sendo esta a primeira fase do seu envelhecimento.

É uma fase de grande importância na vida da mulher, embora todas as fases da sua vida sejam importantes. Mas porque é que esta fase tem uma importância particular? Após a fase adulta e reprodutiva da mulher é nestas idades em que a maioria inicia a Menopausa.

A menopausa e as alterações hormonais que ela implica, com a diminuição muito significativa dos estrogénios e progestagénios, com o final dos ciclos menstruais e da capacidade reprodutiva, só por si acarreta muitas vezes alterações fisiológicas que provocam frequentemente transtornos funcionais significativos como afrontamentos, perturbações do sono, dificuldades na concentração e na atenção, instabilidade emocional, o que pode por vezes repercutir-se nas capacidades de trabalho, com implicações sérias quer a nível da atividade profissional, quer a nível familiar e/ou conjugal.

Para aliviar os sintomas funcionais resultantes da menopausa, poderão estar indicados, se não houver contraindicações, estrogénios e progesterona orais a ser prescritos medicamente. As isoflavonas e outros fitoestrogénios também podem auxiliar no alívio destes sintomas.

Por outro lado, é na meia idade que a mulher começa a notar as **grandes modificações no seu corpo** como o aparecimento de rugas na face, a secura da pele e das mucosas, nomeadamente a vaginal, a diminuição do desejo

sexual, a flacidez corporal, o aumento de peso, a modificação do seu cabelo ou o aparecimento dos cabelos brancos. Esta modificação da sua imagem exterior pode ser, e é frequentemente, mais um fator de instabilidade emocional, ao não se aceitar estas alterações da própria imagem, alterações que são inevitáveis e que acompanham inexoravelmente a sua evolução etária e as modificações orgânicas.

A não aceitação das alterações corporais é estimulada pelos meios de comunicação social, nomeadamente pelas televisões e revistas que sobrevalorizam a juventude nos seus anúncios publicitários, em que querem fazer crer que a mulher tem que parecer e ser sempre jovem.

Por outro lado, como a mulher tem nesta idade uma modificação da imagem mais rápida e acelerada, contrastando com o que acontece com o homem, pode por vezes levar a mulher considerar que o seu marido deixou de se interessar por ela ou ela por ele, o que origina por vezes problemas de depressão, de sobrecarga tabágica, de alcoolismo, de abuso de medicamentos psicotrópicos, o que, não raramente, cria situações de violência doméstica, gerando climas de grande instabilidade familiar.

Os adultos de meia-idade são ainda quem frequentemente detém a responsabilidade na família e na sociedade, sendo a geração que comanda, e que fundamentalmente faz a ponte entre a geração dos mais velhos e a geração dos mais novos. São a denominada “geração sanduíche” porque estão no meio destas duas gerações, sendo um dos significados mais fortes de meia-idade e do meio da vida.

É também nesta idade que a mulher se vê confrontada com a necessidade de cuidar dos Pais ou dos Sogros, quer por questões de saúde dos mesmos, quer por motivos económicos, situações que não raramente vêm sobrecarregar a sua vida económica, pessoal, afetiva e familiar. Também é neste período que frequentemente se verifica a morte dos pais, o que pode ser mais um fator de angústia e de depressão.

Outra realidade com que a mulher de meia idade se vê frequentemente confrontada, relaciona-se com os conflitos que podem ocorrer a nível familiar com a adolescência e início da idade adulta dos filhos. Muitas vezes estes não correspondem aos objetivos de vida que se esperava para eles, nomeadamente

a nível escolar ou na carreira profissional. Nos tempos difíceis em que vivemos, com os conhecidos problemas de toxicod dependência ou de violência urbana, são também questões que podem quebrar a sua felicidade e a estabilidade emocional.

A saída de casa dos filhos origina por vezes aquilo que se tem designado por “Síndrome do Ninho Vazio”, o que pode agravar a solidão e aumentar os sintomas depressivos.

Apesar de a mulher viver mais tempo do que o homem, o que é certo é que a mulher começa com doenças crónicas e limitativas muito mais precocemente do que o homem.

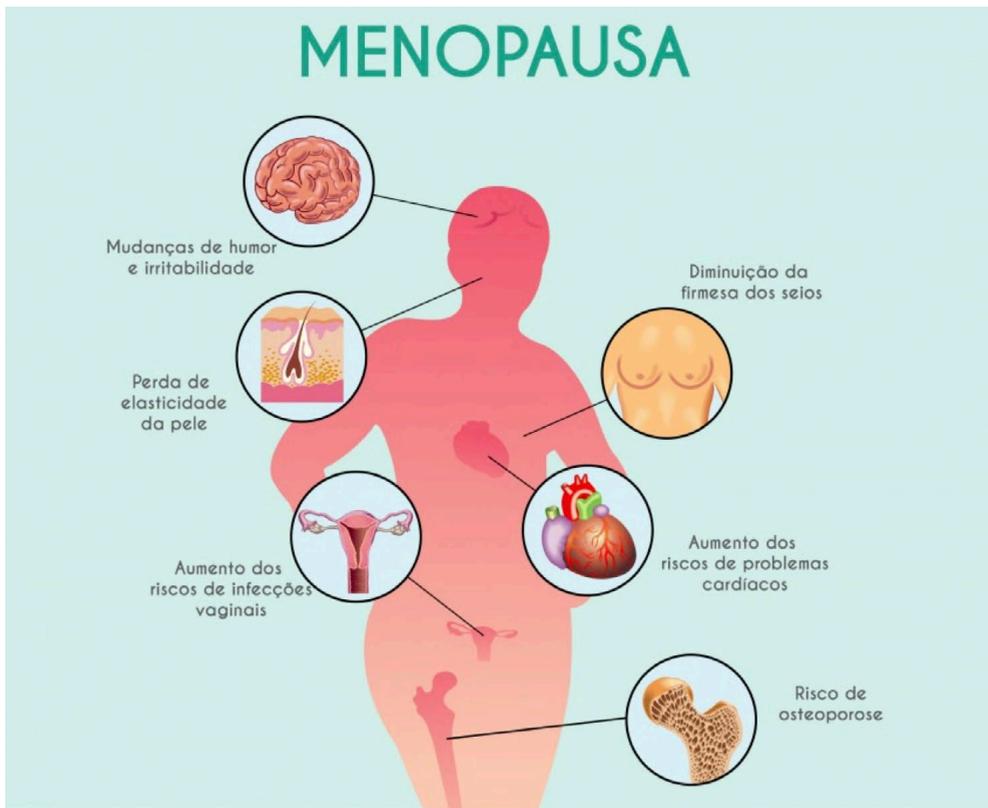
Em parte devido às alterações hormonais, sabe-se que as alterações de degenerativas do aparelho locomotor são muito frequentes na mulher, e começam geralmente na meia idade. As alterações articulares nas mãos, nos pés, nos joelhos, na coluna vertebral, a osteopénia e a osteoporose, provocam frequentemente dores e limitações na mobilidade, o que gera com frequência um aumento do consumo de analgésicos, limitações da atividade física e consequente aumento de peso.

Para combater esta patologia, será necessário manter uma atividade física regular e persistente. Para se diagnosticar uma eventual osteoporose deverá ser realizada periodicamente a osteodensitometria. Também é importante verificar se existe deficiência em vitamina D, através da determinação dos seus níveis no sangue com análises clínicas regulares. Nestas situações, poderá estar indicada a administração de fármacos fixadores da massa óssea, ou de suplementos de cálcio ou de vitamina D. Os estrogénios, de progestagénios e as isoflavonas também auxiliam no controlo da osteoporose, mas não devem ser administrados se houver antecedentes de cancro da mama.

Neste período da vida é frequente surgir na mulher o cancro da mama. É muito importante fazer a prevenção desta patologia, pois para além da morbilidade que a acompanha e que pode implicar a mastectomia, com todas as consequências físicas e psicológicas que a acompanham, tem ainda, por vezes, uma evolução mortal. Por isso é muito importante a autodeteção de nódulos mamários através da autopalpação frequente das mamas e da realização periódica de eco e de mamografias.

Será ainda necessário ter acesso a consultas médicas regulares para observação médica e realização de exames complementares de diagnóstico a fim de identificar o aparecimento de outras doenças que podem surgir mais frequentemente nesta idade, como sejam a hipertensão arterial, a diabetes mellitus, a dislipidemia ou a síndrome da apneia do sono, para eventualmente ser instituídos os tratamentos adequados a cada doença e prevenir as complicações próprias de cada patologia.

Na figura seguinte exemplificam-se algumas das alterações que surgem frequentemente na mulher de meia idade na menopausa



Sendo a meia idade a primeira fase do envelhecimento feminino é importante nesta fase preparar um envelhecimento saudável, de qualidade e ativo. Sendo a longevidade da mulher superior à do homem, dever-se-á optar por desenvolver todas as suas potencialidades e capacidades, que são muitas.

Para além da atividade física regular é desejável que seja mantida uma sexualidade activa, eventualmente com maior liberdade, pois já não se corre o risco de uma gravidez indesejada.

Neste período a mulher deve também esforçar-se por manter e desenvolver novos “hobbies”, estabelecer novas relações sociais e integração em estruturas de desenvolvimento social, como sejam as Universidades Seniores, que atualmente existem um pouco por todo o lado, assim como em Coletividades de Cultura e Recreio ou inscrever-se em voluntariado social (Hospitais; Bancos Alimentares; Organizações de Luta contra o Cancro da Mama, etc.) libertando-se da tendência natural para a inação estimulando desta forma a manutenção de uma boa saúde física e mental.

No meu caso pessoal, após a aposentação (2006/07), tenho frequentado a Universidade Sénior de Almada (USALMA), o que tem sido muito gratificante e útil na manutenção da minha atividade física, no desenvolvimento de novas capacidades, de interesses artísticos e intelectuais.

As Universidades Seniores possibilitam:

- ▶ Criar e desenvolver novos “hobbies”, potenciar as mais diversas capacidades e conhecimentos formativos
- ▶ Frequência de diversos cursos e disciplinas
- ▶ Acompanhar a evolução tecnológica e informática atual
- ▶ Estabelecer novas relações sociais - Convívios, atividades culturais, viagens em grupo no território nacional e no estrangeiro

Resumimos em seguida os Atuais Desafios da Mulher:

- ▶ lutar pelo real progresso e valorização da condição feminina
- ▶ exigir o mesmo salário que os homens - “para trabalho igual, salário igual”
- ▶ defender a progressão da mulher nas carreiras profissionais e alargar sem restrições as suas áreas de emprego
- ▶ apoiar e exigir a paridade nos órgãos de decisão política, nos partidos e nas chefias das empresas
- ▶ exigir o acesso a todas as áreas da educação e de formação
- ▶ derrotar qualquer tentativa de reverter a lei da interrupção voluntária da gravidez (ivg)

- ▶ valorizar o papel da maternidade na sociedade
- ▶ reivindicar o acesso condigno à saúde, em particular nas doenças específicas da mulher
- ▶ combater eficazmente a violência doméstica, através de medidas sociais, legislativas e de justiça
- ▶ estimular e apoiar a colaboração do homem nas tarefas domésticas e familiares
- ▶ exigir a igualdade na educação dos filhos e a colaboração e responsabilidade na economia doméstica

No mês em que se celebrou o Dia da Mulher, ressalto este pensamento de Mia Couto:

“A mulher não necessita de rituais para celebrar a vida.

A mulher é a festa da vida”

Bibliografia

- Cavadas LF, Nunes A, Pinheiro M, Silva PT. *Abordagem da menopausa nos cuidados de saúde primários*. Acta Med Port, 2010; 23: 227-236
- Consenso Nacional sobre a Menopausa 2021, Sociedade Portuguesa de Ginecologia. Secção Portuguesa de Menopausa, pgs 200. <https://spginecologia.pt>. 2021
- Fagulha, T. (2005). «A meia-idade da mulher». *Psicologia*, 19(1/2), 13–17. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v19i1/2.395>
- Fagulha, T., & Gonçalves, B. (2005). «Menopausa, sintomas de menopausa e depressão: Influência do nível educacional e de outras variáveis sociodemográficas». *Psicologia*, 19(1/2), 19–38. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v19i1/2.396>
- Lei n.º 16/2007 de 17 de abril, publicada no Diário da República n.º 75/2007, Série I, de 17/04/2007, pgs 2417-2418
- Norma da Direção Geral da Saúde n.º 004/2019. Prevenção e tratamento da deficiência em vitamina D de 14/08/2019
- Norma da Direção Geral da Saúde n.º 051/2011. Abordagem imagiológica da mama feminina de 27/11/2011
- Zal, H. M. (1993). *A geração sanduíche: Entre filhos adolescentes e pais idosos*. Lisboa: Difusão Cultural

Centenário da 1.^a viagem Portugal – Macau

1924 – 2024

Maria Regina Brito Pais¹

Há cem anos, a primeira viagem aérea de Portugal a Macau constituiu um notável feito aeronáutico de destaque internacional.

Com a sua realização, Portugal competiu com êxito no plano das grandes viagens aéreas intercontinentais que então eram promovidas pelas grandes potências. Mas, contrariamente a essas grandes potências, o Estado Português não apoiou este raide.

Foi o povo português que se mobilizou para o financiar, através de ampla subscrição pública, numa ação solidária e entusiasta que galvanizou o país inteiro, desejoso de feitos que animassem os tempos sombrios da 1.^a República.

O Raide foi sonhado e meticulosamente preparado pelos aviadores Brito Paes e Sarmiento Beires, com o apoio do mecânico Manuel Gouveia.

A 2 de abril de 1924, o avião “Pátria” (um Breguet 16 da primeira guerra mundial) saiu da Amadora com destino a Vila Nova de Milfontes (terra a que Brito Paes estava ligado) pela vantagem oferecida pela pista dos Coitos, a única com extensão que garantia a descolagem segura do avião em carga plena.

Partindo a 7 de abril, os aviadores viveram momentos de elevado risco, como o da aterragem de emergência na Índia, que danificou definitivamente o avião e que obrigou à aquisição de um outro, igualmente custeado pelo povo português e pelo pai de Brito Paes.

Os aviadores percorreram um total de 17.470 kms, em 25 etapas, até aterrarem a 20 de junho de 1924 em Shum-Chum, na China, após terem sobrevoado Macau, onde não conseguiram aterrar devido a um ciclone.

Cumpre-se então um feito pioneiro da aviação mundial.

¹ Sobrinha neta do aviador António Jacinto Brito Paes.

II – Atividades



Exposição 50 anos do 25 de Abril

Introdução

António Luís Felizardo

A USALMA realizou de 17 de abril a 7 de maio a exposição “50 anos do 25 de abril” patente na sala Multiusos da USALMA, onde foi mais uma vez mostrada a qualidade do ensino artístico ministrado nesta instituição, assim como a própria criatividade dos seus alunos, pois a diversidade, qualidade e interesse artístico das obras chama a atenção até daqueles para os quais esta não é a sua *praia* e que vieram apenas por mera curiosidade.

Ao observarmos estas obras ficamos com a necessidade premente de compreender a motivação e as histórias de vida que estão por trás da criatividade do meio artístico sénior? O que os impulsiona à criação de obras comemorativas do 50.º aniversário da conquista da Liberdade? Toma-se, em nosso entender, algo digno de ser reconhecido e de registo para a posteridade. Esta geração viveu um antes e um depois da Revolução de Abril, que marcou para sempre as suas vidas.

Assim, e face à informação prestada por alguns dos seus criadores em relação às suas obras, que refletiu uma mensagem única intrínseca a cada obra, quer de pintura, escultura e outras, impôs-se fazer um registo documental que refletisse não só o acontecimento em si, mas que também o mantenha *vivo* para a posteridade e que sirva de referência para novas iniciativas deste género.

Desta forma, apresentamos de seguida vários testemunhos e a obra criada por alguns dos nossos artistas da USALMA, para os quais desejamos muito sucesso em futuras exposições com a mesma criatividade e emoção que colocaram nestas suas obras e que tão bem as caracterizaram.

Escultura na exposição “50 ANOS DO 25 ABRIL DE 1974”

Conceição Freitas e alunos

Para as comemorações dos “50 anos do 25 Abril de 1974”, na Universidade Sénior USALMA, a professora de Técnicas de Azulejaria e Escultura propôs aos alunos a realização de uma escultura coletiva que refletisse como o 25 de Abril de 1974 foi importante para cada um, na sua vida.

Assim, a ideia foi demonstrar essa importância através de um conjunto de cabeças livres e criativas, as quais deveriam integrar um símbolo, que para cada um representasse os direitos adquiridos de Liberdade, Paz e Educação.

O resultado foi a apresentação da peça instalação “50 Anos de Liberdade”, cujas cabeças representam em si um valor simbólico para cada autor:



– A cabeça feminina que simboliza o voto das mulheres, tem uma importância fundamental para a autora e para aquilo que se considera ser uma verdadeira democracia (Conceição Freitas)



– A cabeça de músico com a partitura da canção Grândola Vila Morena, mostra o papel importante desta música na Revolução dos Cravos. Na madrugada do dia 25 de Abril esta música transmitida na rádio, foi o sinal para o início de um movimento que mudaria Portugal e nos devolveria a Liberdade. Esta canção foi escrita e gravada em 1971, três anos antes do 25 de Abril, em homenagem a uma banda de música de Grândola. Para a censura era mais uma canção, mas para o país foi um hino à Liberdade. (Cecília Neves)



– A cabeça de uma jovem que fiz representa esperança. As flores jovens acompanham com o mesmo significado

Hino à esperança, é o que represento (Minela)



– “A esperança de um dia poder acordar em liberdade 🙏

Viva o 25 de Abril” (Ana Nery)



– O trabalho é sobre as agruras que física e psicologicamente os presos políticos passaram, pela amargura e revolta que seus familiares e amigos passaram, e após o 25 de Abril, pela tristeza de muitos verem seus carrascos sem qualquer punição (Luísa Valbom)



– Na escultura está representada uma mulher e três mãos que representam entre muitas conquistas ... LIBERDADE, IGUALDADE e ESPERANÇA (Manela Fontinha)



– O busto de mulher, elevando cravos vermelhos na cabeça e uma chave, simboliza a abertura para a liberdade conquistada, numa revolução que ficou também conhecida pela ausência de sangue: tornando-se a Revolução dos Cravos. (Maria Rosa)



– «As Portas que Abril abriu» (Ana Gracinda)



– O busto e a mão têm, para mim, como significado a liberdade de expressão e o direito ao voto das mulheres que só foi possível com o 25 de Abril (Conceição Ferreira)



– Vamos gritar 50 vezes Abril. Aí chegados, continuamos a gritar. (Victor Neves)



– Painel de Azulejos: “A Ponte 25 de Abril é para mim a representação da conexão de Portugal com seu próprio futuro a partir da “Revolução dos Cravos”.

Representa a liberdade de ir e vir das pessoas e pensamentos, das crenças e escolhas políticas, representa um país que volta a se conectar com a Europa e com o mundo. (Débora Muzzi)

Subida ao poder

Leonilde Vaz Martins



Adoro Rafael Bordalo Pinheiro e suas obras.

Tal como a ele, os animais e a crítica mordaz acompanham-me no dia a dia.

Embora a minha formação seja de pintura, as formas e volumes sempre foram para mim uma paixão.

Os dois trabalhos que fiz e decidi colocar na exposição sobre o 25 de Abril, são essa sátira que me seduz; foram trabalhos demorados, que nem sempre correm de feição; um deles teve de ser refeito, por alguém, sem querer, ter colocado um peso em cima, quando ainda estava embrulhado e a secar lentamente.

Uma das figuras, a maior, teve que ser novamente moldada.

A outra obra “Subida ao Poder” é sempre atual, assim como o “Zé Povinho”. foi essa antiguidade e essa atualidade que me inspiraram. Saiu uma placa com altos relevos que, acho eu, funcionou muito bem.

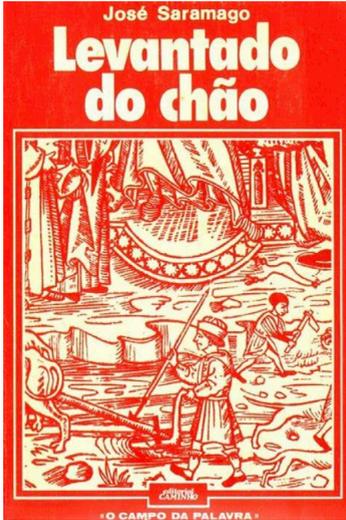
Estes trabalhos deram-me muito prazer.



Participação da turma de Literatura Portuguesa

Glória de Brito e alunos

Poemas colectivos e individuais inspirados na obra *Levantado do Chão* de José Saramago



Do chão sabemos que se levantam as searas e as árvores, levantam-se os animais que correm os campos, ou voam por cima deles, levantam-se os homens e as suas esperanças. Também do chão pode levantar-se um livro, como uma espiga de trigo ou uma flor brava. Ou uma ave. Ou uma bandeira. Enfim cá estou outra vez a sonhar. Como os homens a quem me dirijo.

José Saramago

Poemas coletivos

Negra era a noite

Negra era a noite
Com os seus silêncios de medo e fadiga
E suas terras para cultivar:
Escritas no vento
Linhas proibidas
Portas por abrir

Negra era a noite
Com seus gritos abafados
Suas sementes de suor e sal

E ao longe ainda a palavra Abril.

Das cicatrizes do meu chão antigo¹

Das cicatrizes do meu chão antigo
E da memória do meu corpo sofrido
Das trevas juntam-se os mortos
Tomam parte no coro dos vivos
Atravessam as praças
Vêm espreitar a revolução
E olham os cravos nas armas dos soldados.

Poemas individuais

Abril

Com Abril se fez a paz e não a guerra
Com Abril a esperança floresceu e se gritou
Com Abril se calou o medo e é tão bela
Com Abril se fez a paz e não a guerra

Com Abril se abriu portas
Com Abril a noite se apagou
Não são de silêncio estas ruas mas de Abril
E está nas gentes e nos cravos este Abril novo que é país ressuscitado
E floresce vermelha a liberdade

Com o Abril que ouvimos nas novas mentes transformadas
nestes cravos ao vento: rubras farpas
De paz é cada mão, cada soldado
Nada pode parar este bem que nos foi dado
Em Abril vive-se o sonho desde sempre imaginado

Alexandrina Nunes



¹ Poema coletivo da turma de literatura portuguesa inspirado no livro *Levantado do Chão* de José Saramago

Longa a noite

Longa era a noite
com suas searas de feitores e sentinelas
E o seu chão por levantar
Escrita das viagens caladas
Lutas clandestinas
Linhas veladas de esperança

Longa era a noite com seus latifúndios
Herdeiros de cansaço e espingardas
Suas ceifas de silêncio a agitar
Seus segredos a desvendar

E ao longe já o som dos Cravos a ressoar



Glória de Brito

Das cicatrizes dos pés no chão

Das cicatrizes dos pés no chão,
e da memória desses tempos
a escuridão transforma-se em clarão
da luz nasce uma flor
levantando do chão armas em flor.

Flores passaram de mão em mão
Gritou-se Liberdade, liberdade, liberdade
Fascismo nunca mais...
Abraços, choros e risos coletivos
Fizeram a Revolução dos Cravos

Vitor Ravasqueira

Participação na exposição dos 50 Anos do 25 de Abril

Polo Arribamar

Maria José Tomazinho

No âmbito da Língua de «Português Não Materna» e de forma colaborativa em pequenos grupos foram elaborados três cartazes, um alusivo à reunião de militares em dezembro de 1973 na Costa de Caparica e dois reportando o impacto do 25 de Abril na imprensa estrangeira, nomeadamente na Suíça e na Suécia.

Relativamente ao cartaz da Costa de Caparica, realizou-se um trabalho de pesquisa em jornais e livros e contactaram-se historiadores e entidades, com destaque para a Junta de Freguesia da Costa de Caparica, a associação Gandaia Casa, o Museu da cidade de Almada e o Arquivo Histórico de Almada. Consultaram-se alguns jornais municipais de 1973/74 na Biblioteca Municipal.

Através de fontes escritas e orais obteve-se a informação necessária para o efeito pretendido e recolheram-se fotografias, quer do exterior, quer do interior da casa onde se efetuou a reunião de capitães.

Esta reunião realizou-se no dia 5 de dezembro de 1973 numa vivenda pertencente a um familiar do capitão Pinto Soares – onde ainda hoje se pode ver na fachada a inscrição «**a liberdade começou aqui**» - e foi aí que reuniu pela 1ª vez a Comissão Coordenadora do Movimento de Capitães, cuja direção foi atribuída a Vítor Alves, Vasco Lourenço e Otelio Saraiva de Carvalho. Podemos considerar esta reunião como um marco-chave na organização do Movimento e sistematização dos objetivos definidos pelo Movimento de Capitães: **fim à guerra colonial e derrube do Governo de Marcelo Caetano**.

Na elaboração dos cartazes sobre o impacto do 25 de Abril na imprensa estrangeira houve uma participação intensa de dois alunos – um da Suécia e outro da Suíça. Cada um fez a sua própria pesquisa, através da consulta de jornais on-line e/ou presencialmente em bibliotecas do seu próprio país. A correção da escrita esteve a cargo de um pequeno grupo de trabalho que reviu o texto conjuntamente com os dois alunos e de forma muito agradável.

O resultado de todo este trabalho e a forma como foi exposto na USALMA foi muito gratificante para todos envolvidos e bem reconhecido pela comunidade.



25th April 1974 Firsthand memories

Cristina Barreto, Irene Aragão e alunos

No âmbito das comemorações dos 50 anos do 25 de Abril, os alunos que frequentam as turmas de Inglês do Polo Arribamar realizaram um trabalho de registo dos acontecimentos daquele dia. Aqui fica o seu testemunho, em Língua Inglesa, da memória dos momentos e sentimentos vividos naquela data.



My name is Ana.

I'm 16 years old and I attend the 7th Form. I study English and German in "Liceu Nacional de Oeiras".

7.30 a.m. Time to get up and go to school.

Mum enters the room in a rush and says:

"You are not going to school, today you stay at home."

"Wow!!! Why?", my sister and I ask.

"There is a revolution in Lisbon and people must stay at home, it is dangerous to go out!", mum explains.

We listen to the radio and watch television to find out what is happening. We feel curious, but we are happy because there is no school.

Dad is away on business and mum is too worried to talk about the situation. So, there is no one we can talk to and ask questions.

The next day we go back to school, and I only realize the importance of the revolution when my favourite teacher, the Philosophy teacher, explains the meaning of the Carnation Revolution.



My name is Artur.

I'm 31 years old. I live in Almada, but I work in an office in Lisbon.

9 a.m. I get up and I listen to the news on the radio and TV. The most important news is that a revolution is happening in Portugal. Military officers have rebelled against the government.

During the day I stay at home because the news says not to go out. We speak to other members of the family about what is happening. We are worried because the soldiers are on the streets, armed with guns and this can be dangerous.



My name is Maria José and I'm 22 years old.

I work at Junta de Fomento das Pescas.

I wake up at 8 a.m. I leave my house in Olivais at 9 o'clock and go to work. The office is in a building on the 3rd floor in Cais do Sodré.

When I arrive there my boss, captain Carvalhinha, tells me "Today is a strange day" and I immediately run to the window and see many soldiers with guns moving along the square Duque da Terceira.

I ask my boss, "What is happening?"

He answers, "It's a military coup and you have to return home."

In a low voice he says, “ The military proposals are in accordance with what you think.”

I listen to him and wonder - why does he say that?



My name is Maria Manuela.

I’m 30 years old and I work at home, taking care of my family.

8 a.m. Time to get up and prepare my children to go to school.

I turn on the TV and when I listen to what is happening, I hear there is a revolution.

My husband and I, together with our two daughters, go to my sister-in-law’s, because she is alone with her five children.

All day long we listen to the news. I don’t know much about politics, but all my life I hear my father speaking against Salazar, and so I’m very happy with the revolution.

The next days, the very first thing I do when I get up, is to turn on the TV and listen to the news. I feel quite excited about what is happening in Portugal.



My name is Teresa.

I’m 19 years old and I live in Beira, in Mozambique.

7 a.m. Time to get up and go to classes. I’m a boarding pupil at “Colégio Luís de Camões” in Beira.

We don’t have much news from Portugal, and we don’t know what is happening in Lisbon, but we have a holiday and go home.

I don’t remember much about that day.

One year later, I leave the country and come back to Portugal.



My name is Eduardo.

I'm 22 years old. I work in an Insurance Company "Comércio e Indústria", and I also study at ISCSP, in "Universidade Técnica".

8 a.m. Time to get up and when I listen to the news on the radio I hear that something is happening in the country. The army has begun a revolution.

I get up very happy, because I really feel that something will happen, considering the political situation with the colonial war, widely disapproved by many.

My grandmother calls me and tells me not to go to work. After that I stay at home, listening to the news during the whole day and I call the company to know exactly what I have to do, but nobody is there.

It's a great joy, full of expectations.



My name is Marina.

I'm 24 years old and I work in my school, "Externato Santo António da Caparica".

7.30 a.m. Time to enter my car to get the pupils to school. A neighbour of mine tells me that there is a revolution in Lisbon.

"The man is a fool!", I think to myself.

I begin to drive and at 9 a.m. I arrive to school. Everyone is excited and they tell me what is happening. So, it's true after all...

"Attention please, pupils must return home.", I say.

A teacher begins to call the children's parents and I and other teachers begin to drive them home.

I feel hopeful and curious about what is happening.



My name is Lurdes.

I live in Santarém and I attend “Escola Comercial e Industrial de Santarém”

I get up to go to school and my mother says:

“It is better you stay at home, because on the radio they are saying that there is some kind of revolution.”

But I still go to school. I take the bus and I’m surprised, because we don’t pay for the ticket. The ticket collector is on strike.

At school some teachers try to explain what is happening and they say it is better not to go out, because there is a military movement.

25th April for ever

April 25th, 1974 – A personal experience of an unforgettable day

Vítor Roque

On April 25th, 1974, I was living in Olivais and worked in Almada, so on Tuesday morning when I was going to work I overheard some friends whispering that something strange could be happening because the national radio had been broadcasting Military Marches all night.

In the meantime, I had fallen asleep. When the bus arrived to Praça do Comércio, I was suddenly woken up by a soldier shouting and saying that no one could go through the Square, because a military rebellion was taking place in Portugal. I managed to go through and during all day I followed the army movements and the delirious people, who were shouting, crying, believing that finally the revolution was happening.

I myself had the privilege of having lived some of the most emotional and important moments in my life:

- The surrender of the military forces of the 7th Cavalry Regiment, to the forces of Cavalry of Santarem forces led by Captain Salgueiro Maia.

- Having seen the soldiers marching through the streets of Lisbon, with Red Carnations in the barrels of their rifles, gently offered by a woman who carried them. Gesture that quickly spread among the soldiers and became a symbol worldwide having therefore been known as the Carnation Revolution.
- Watching the military forces, supported by thousands and thousands of people gathered in Largo do Carmo, cheering wildly and demanding the resignation of the Head of the Government.
- Witnessing another high moment about 6 pm when the euphoric people saw the armoured car gone out of the Carmo convent with dismissed ruler of the new state . “The “Carnation Revolution “had succeed.

I spent all night long in the Lisbon streets celebrating and only at noon the next day did I go home to sleep.

How I lived 25th April 1974

Fernando Sousa

Early in the morning the radio started spreading news about a military coup taking place.

After breakfast I caught the bus to Lisbon and the subway to reach downtown. The streets around Terreiro do Paço were closed by the military forces so I went on foot to Largo do Carmo, an area full of anxious people waiting for the development of the military actions because the headquarters of PIDE (the secret police) were very close.

Suddenly we heard several gunshots and a lot of confusion settled down. Many people got frightened and ran away. I hid behind a car and fortunately I escaped without any problem.

A few hours later I came back home and only at night was I sure that the coup was a success.

My 25th April 1974

Valério Conceição

I was a captain, commanding a military company in an Operational Zone in Pango Alúquem, in the north of Angola.

My working day, as usual, began with military activities, such as the company's general formation, operational instructions to platoon commanders and bureaucratic secretarial work.

After lunch, some soldiers working in the company's telecommunications department came up to me saying that they had heard a Brazzaville radio station reporting that there had been a military coup in Lisbon.

I asked them to continue listening to the radio and to inform me of anything they considered relevant.

Meanwhile, the Rádio Difusão Portuguesa in Luanda stopped broadcasting its normal programme, showing only classical music instead and, from time to time, reporting that "something serious is happening in the Central Government, we're going to keep the population informed, stay tuned".

Unfortunately, no official news arrived until the morning of the 28th, when the Command of the Military Region of Angola informed that it joined the Armed Forces Movement.

In the meantime, we began to receive mail from our relatives in Portugal, giving more detailed information and finally sending a magazine with the Portuguese Armed Forces Programme.

I had the opportunity to show this programme to the Civil Administrator of Pango Alúquem who, after a short moment's reflection, said: "Captain, if Portuguese politicians did what this programme says, Portugal would be the most wonderful country in the world".

Despite this, we agreed that he would call a meeting with the coffee farmers and local chiefs.

At that meeting, the Programme was read out and some comments were made about the possible evolution of events and the political, social and economic

consequences, particularly in the military company area, where there were around fifty coffee farms.

I don't remember everything that was said then, but I remember that we were all very impressed when someone said that "if coffee production is stopped now, it will take more than 20 years to recover current production".

We now know that this statement was too optimistic...

Anyway, I can now say that the Revolution of April 25th did not make Portugal the "most wonderful country in the world", but there is no doubt that at least the country came out of a dictatorship and now lives in democracy.

Memories of April 25, 1974

Nélido Vagueiro

I left my home in Almada to work in Lisbon.

I took the boat in Cacilhas to Cais do Sodré in Lisbon.

I noticed that the boat was empty at rush hour.

In Cais do Sodré I tried to catch a taxi but I didn't find one.

A passerby asked me if I didn't know what was going on.

I said no. It's the Revolution, he said. He told me to go home and listen to the news.

I took the same boat that had brought me to Lisbon back to Cacilhas.

I remember that at Cais do Sodré I saw war tanks passing by but I didn't know why.

Already at home I felt relaxed because my son Pedro was with his grandparents in Setúbal.

My wife and I stayed at home with the TV on listening to the news.

Viva o 25 de abril!!!

Angélica Queiroz

A USALMA realizou diversas atividades para comemorar os 50 anos do 25 de Abril de 1974. Entre essas, foi atividade central, e congregadora de outras, a exposição comemorativa que contou com a participação de quatro turmas da Escola Básica 1 de Feliciano Oleiro.

Viva o 25 de abril! Gritaram as crianças no final da sessão especialmente preparada para as receber e que decorreu, como a exposição, na sala multiusos na USALMA.

Durante a visita à exposição com acompanhamento de alunos da USALMA, as crianças foram colocando questões sobre algumas imagens e descobrindo nos textos algumas novidades. Tentaram também interpretar as peças feitas em cerâmica que lembravam como tinha sido o antes de Abril.

Muito entusiasmados, conversavam entre eles sobre as descobertas feitas nos textos expostos que compunham os cartazes e descobriram que alguns dos alunos da USALMA tinham sofrido com as repressões feitas pelo fascismo antes de Abril de 1974 e muitos tinham estado na guerra em África.

Houve ainda tempo de muita animação com o Grupo dos Cavaquinhos, cujo reportório se centrou em canções de Abril e todos cantaram a “Grândola Vila Morena”. Recitaram-se poesias acompanhadas à viola. Disseram-se lengalengas, trava-línguas e histórias que foram ouvidas e ditas com muito entusiasmo.

Cada turma fez uma poesia, usando diversas técnicas, palavra puxa palavra, rimas, acrósticos etc. Segue um exemplo:

25 de Abril
 Dia da Liberdade
 Liberdade sem censura
 Censura acabou e veio a liberdade
 Liberdade no 25 de abril
 Abril mês de paz
 Paz para todos nós
 Viva o 25 de Abril

Foi uma manhã fora da escola onde as aprendizagens se tornaram mais significativas e onde houve muita comunicação e convívio intergeracional.

À conversa com Isabel Maria Geraldês Mateus

Entrevista: António Luís Felizardo

Fotografia: Isabel G. Mateus

AF – Visitei a “Exposição 50 anos do 25 de abril” patente na sala Multiusos da USALMA, que se realizou de 17 de abril a 7 de maio. A diversidade, qualidade e interesse artístico das obras chamou a minha atenção.

Quero compreender a motivação e as histórias de vida que estão por trás da criatividade do meio artístico sénior.

A Isabel concluiu o 2.º ciclo de estudos na especialidade de Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico com o grau de Mestre na Escola Superior de Educação Jean Piaget de Almada. Fez parte, durante vários anos, da Direção de uma IPSS nas valências de creche, pré-escola e 1.º Ciclo; é coordenadora pedagógica no ensino privado e tem uma larga experiência em gestão empresarial como fundadora de algumas empresas do tecido empresarial português. Como *hobby* é apaixonada pela leitura, *Arts & Crafts*, decoração de interiores e pintura.

Isabel, quero agradecer por me conceder esta entrevista e pedia-lhe que falasse um pouco da sua história de vida?

IM – Nasci em Almada, em outubro de 1957, sob o Regime ditatorial do Estado Novo, no seio de uma família humilde e atormentada pela repressão. Digo isto, porque o meu avô paterno, homem de grande convicção política, como muitos outros, foi perseguido pela Polícia Internacional de Defesa do Estado (PIDE). A família vivia numa constante preocupação porque ele tinha a coragem de defender ideais democráticos de liberdade e igualdade.

Este ambiente de opressão e terror em que o povo português vivia levou os meus pais a decidir pela emigração, como na época muitos jovens faziam. Não queriam criar os filhos sob valores que nada tinham a ver com os seus ideais de vida.

A emigração para as colónias portuguesas, países da Europa, USA, entre outros, era facilitada pelo regime de Salazar. Entenda-se, que este fluxo emigratório

era muito benéfico para a economia do país. Reduzia as taxas de desemprego e injetava dinheiro nos cofres do estado sem esquecer a ajuda preciosa que os emigrantes prestavam aos refugiados da guerra.

Em dezembro de 1960, três meses depois de o meu pai ter partido, embarquei eu e a minha mãe, no navio Vera Cruz, rumo a Luanda, colónia africana da província de Angola. Pouco tempo depois, trocámos esta cidade pelo enclave de Cabinda onde vivi os anos dourados da minha infância.

AF – Fale-nos da sua infância em terras africanas e como reagiu à mudança ao regressar a Portugal em 1969.

IM – Regressar à metrópole, como então chamávamos a Portugal, na pré-adolescência, foi um choque brutal para mim. Vivia-se uma realidade muito diferente para a qual eu não estava preparada. Regressei sozinha de avião para continuar a estudar e fui viver com os meus tios e dois primos, nos arredores de Lisboa.

Estava habituada a circular de bicicleta, livremente, pela cidade vestida com uma blusinha, calções e sandálias. Sim, digo bem, de calções. A minha mãe e a minha avó, quando costuravam calções para o meu irmão faziam-no, também, para mim em tecidos muito leves e bonitos. Diziam elas, que era para eu andar mais à vontade. A igualdade de género fazia parte dos valores educacionais transmitidos pelos meus pais, entre muitos outros.

Aqui, tudo era diferente. Tive de aprender a vestir de forma tradicional. Palavras da minha tia “*uma senhora tem de ser discreta*” e estava disposta “*a por a menina na linha*”. Os meus tios estavam conscientes de que as meninas e futuras mulheres deste País tinham de ser educadas segundo os princípios conservadores do regime Salazarista, opondo-se a qualquer tipo de movimentos revolucionários e progressistas. Obedecer cegamente ao pai ou ao marido, ser boa dona de casa e zelar pela educação dos filhos. Tudo o resto lhes era vedado, apesar da guerra colonial as ter empurrado para o mercado de trabalho, muito mal remunerado, como meio de subsistência na ausência dos jovens soldados recrutados para as ex-colónias.

Na sociedade da época, a maior parte das mulheres vivia escravizada pelos preconceitos e pelas obrigações caseiras. Raras eram as hipóteses de fuga

ao machismo autoritário e obtuso dos machos dominantes, tanto no poder quanto no leito.

Eu, que até falava em bom português, na opinião dos meus novos professores, fiquei privada de conversar com desconhecidos, de ir brincar para a rua e fazer amigos. Até então, todas as crianças eram minhas amigas. Em Cabinda, durante muito tempo, fui a única criança branca a brincar nas ruas e nas *lavras* dos colonos. Falo de pequenas parcelas de terreno de cultivo de produtos agrícolas dos cabindenses ou *fiotes* como lhes chamávamos.

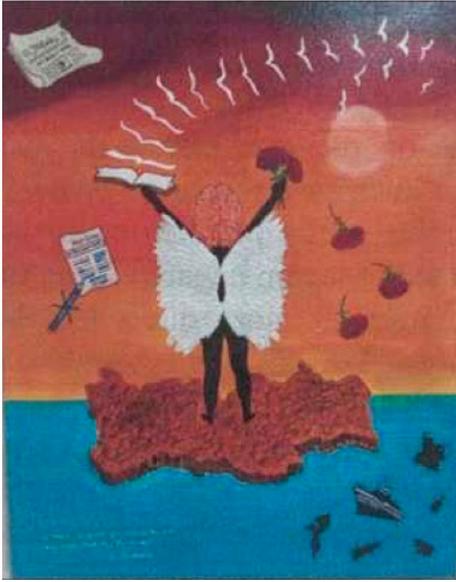
Nas escolas do continente, as turmas eram só de raparigas ou só rapazes, quando eu vinha habituada a turmas mistas. A ausência das pessoas e da cultura africana, da natureza exuberante, do clima tropical, do convívio com os animais domésticos e selvagens, que muito respeitávamos, a simplicidade da nossa vida do dia-a-dia e a liberdade de circulação faziam toda a diferença. Por exemplo, o fluxo dos transportes públicos nas ruas de Lisboa, faziam-me sentir insegura e perdida como se o destino fosse incerto e muito distante. A falta dos afetos do meu núcleo familiar, o frio no inverno e a privação da livre circulação foram fatores de mudança, pelos quais não queria ter passado.

A minha vinda para Portugal para dar continuidade aos estudos e a falta de saúde do meu pai foram as pesadas razões que levaram ao regresso da família, em fevereiro 1970. Não fomos “*retornados*”, mas sempre fomos considerados como tal nas mentes de todos aqueles que nos queriam recusar o direito de viver no nosso país.

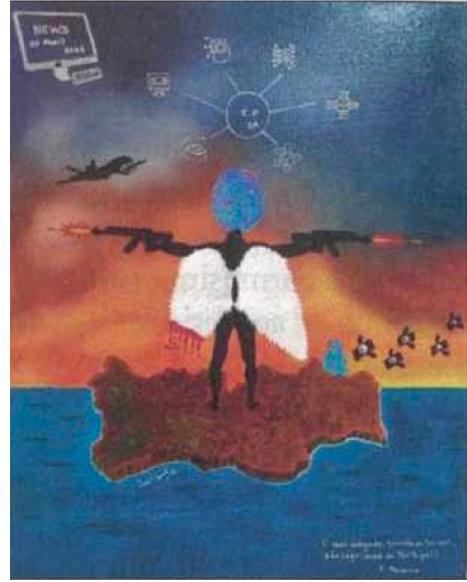
Quatro anos mais tarde, a 25 de Abril de 1974 ao nascer do dia, a revolução dos Capitães de Abril estava nas ruas. Noticiada nos órgãos de informação, apelava-se à população para se manter serena nas suas casas. Nesse dia, “*E Depois do Adeus*” e da “*Grândola Vila Morena*” a vida mudou para todos nós.

AF – A celebração dos 50 anos do 25 de Abril e a USALMA- Universidade Sénior - deu- lhe a oportunidade de assinalar esta data com a exposição de duas obras: uma representativa das conquistas deste momento histórico e a outra, 50 anos depois.

Fale-nos um pouco da motivação e do processo criativo destas duas telas.



1.ª Pintura acrílica s/tela
 “25 de Abril de 1974”
 Ano: 2024 – 40 × 50 cm



2.ª Pintura acrílica s/tela
 “50.º Aniversário do 25 de Abril”
 Ano: 2024 – 40 × 50 cm

IM – Dominar a veia artística define-se, a meu entender, pelo controlo dos valores da linguagem e das técnicas adotadas pelo autor ao produzir a sua obra, adquiridos através da formação contínua e da prática. A história de vida de cada um e a busca do conhecimento do passado histórico são, sem dúvida, fundamentais para o poder evolutivo da criatividade artística, neste caso a derradeira mudança ideológica da vida de um povo rumo à Liberdade.

O convite foi feito pelo meu querido Mestre António Barreira, professor de pintura da USALMA, que muito admiro como artista e por quem tenho uma enorme estima. O objetivo era, através da arte, contextualizar a Revolução de Abril e homenagear o meio século de liberdade em democracia, depois de 48 anos de um regime ditatorial, que marcou e atrasou, de forma brutal, o país e a cultura do povo português.

Aceitei de imediato o convite e prometi apresentar o projeto prévio na aula seguinte. Este, passou inicialmente por um esboço a lápis a que chamo perfil (estudo das diferentes componentes que intervêm na composição da criação). Mas, de uma coisa eu estava certa: dado o recurso e a natureza do evento, a minha fonte de inspiração passava pela criação de duas telas, o antes e o depois, cujo tema seria:

- 1.^a - “25 de Abril de 1974”
- 2.^a - “50.º Aniversário do 25 de Abril

Se entendermos que a arte é o reflexo da sociedade, por sua vez, na sua singularidade e diversidade, cada obra também o é. O artista, com o seu senso crítico e criativo, observa o mundo que o rodeia sem deixar de fazer uma análise profunda das obras de outros autores até chegar às suas criações. Esta amálgama de sensações e emoções leva-o à criação de um estilo próprio, que na realidade é a busca incessante de qualquer artista plástico.

A primeira grande diferença entre as duas telas é a paleta cromática da técnica da pintura em acrílico. Escolhi cores quentes na 1.^a e frias na 2.^a. Esta simbologia tem, à partida, tudo a ver com a temática da exposição. Sabemos que o nosso cérebro identifica a cor e a transforma em emoções, sentimentos e desejos. Deste modo, na 1.^a estamos a viver o entusiasmo, a felicidade e, sobretudo, o otimismo da conquista da mudança. Segundo *Wilhelm Wundt* e a sua Teoria da Temperatura das Cores, estas emoções são transmitidas pelas cores quentes. Na 2.^a temos a vertente da racionalidade e da necessidade da introspeção. Por exemplo, no que diz respeito à guerra e à forma de o homem a alimentar, a sensação de frio é ilustrada pelo azul chumbo, verde petróleo e púrpura sobre um alaranjado doentio e o carmesim profundo. Esta abordagem negativa da representação de um céu melancólico e sombrio é sustentada pela incerteza que tenho no futuro em constante e acelerada mudança.

As duas composições têm elementos que se repetem de igual modo: a representação geográfica do País na horizontal, o oceano que o banha e a exaltação poético-patriótica de Fernando Pessoa “*Ó mar salgado, quanto do teu sal são lágrimas de Portugal!*”. Eu fazia questão de escrever algo nas minhas telas e esta foi a minha escolha.

Neste caso, a Revolução dos Cravos (estes representados na 1.^a tela, na mão direita do vetor feminino) transformou por completo o nosso futuro como mulheres. Nasci numa ditadura e aos 16 anos tive a felicidade de ser presenteadada com a “*Liberdade*”. A postura dos braços da figura feminina foi o mote para homenagear as mulheres sofridas e sem direitos do meu País até então.

A expressão artística deve ser compreendida na perspetiva do criador. Este imprime à obra aquilo que pensa e sente sendo influenciado, inevitavelmente,

pelo ambiente, pela cultura e pela sua história de vida. Penso ter conseguido transmitir, na separação cronológica das telas, que vivíamos num País fechado, de proibição e opressão, mas também de esperança. Neste caso, uso com alguma subtilidade a expressão do jornalista António Costa Santos “*andávamos sempre abafados*”.

Por falar em jornalista, estabeleci o paralelismo entre os jornais de há cinquenta anos e a evolução da tecnologia digital de hoje. A transformação da linguagem e dos dados em 0-1 (zeros e uns), apesar de agilizar a informação, quero acreditar que os valores consagrados ético-profissionais não serão engolidos por implicações múltiplas ou esquemas irrefletidos nocivos às sociedades democráticas. Acrescento, quando me refiro ao “... País fechado, de proibição e opressão” recorro à simbologia do “lápiz azul” (ver 1.^a tela). Os censores da Comissão de Censura usavam-no para impedir toda e qualquer tentativa de difamação e subversão. Esta prática era recorrente na afirmação do poder e a arte foi vítima disso ao longo da história, ao ver exposições canceladas, obras aprendidas e destruídas, perseguição aos autores... etc.

Voltando à Internet, quer queiramos, quer não, molda experiências e paradigmas das perspetivas do homem e do mundo. Na sua essência, sustenta em si os valores e a cultura dos seus criadores, mas caracteriza-se por estruturas de comunicação informal e horizontal que influenciam todos os usuários da rede (ver elementos gráficos na parte superior da 2.^a tela).

No perfil da 2.^a tela, destaco os avanços e vulnerabilidades da Inteligência Artificial (IA) representada por alguns ícones dos seus Componentes Básicos (CB) toscamente desenhados. Segundo estudos da Universidade do Minho e de Aveiro são as mulheres as profissionais com mais habilitações, que estão em profissões mais vulneráveis a esta adoção. Contudo, não sejamos pessimistas, novos empregos surgirão para responder a esta evolução tecnológica. Na verdade, como toda a mudança encerra vantagens e desvantagens, num futuro relativamente próximo, teremos de ser empáticos e criativos para contornar as adversidades.

Apesar dos inoportunos, sinto-me uma privilegiada. Escapei a uma vida de repressão durante uma década e meia - naquela altura ainda não tinha noção da verdadeira realidade histórica e política do nosso povo - para, no futuro, viver em pleno a liberdade durante muito mais décadas. O mesmo aconteceu

com a tecnologia e a IA. Digo com algum orgulho, que pertenço à geração *Baby Boomer*, bem diferente da anterior, a *Silenciosa*. Tive a oportunidade de viver a transição de recursos com uma perna no analógico e outra no digital. Todos tivemos de nos adaptar sobretudo ao nível profissional.

O livro na mão esquerda feminina representa um grande passo na emancipação da mulher no acesso à cultura e ao ensino. Lembremo-nos, que no início da década de 70, cerca de 65% das mulheres eram analfabetas. Mas, segundo os Censos de 2021, o número de mulheres com um curso no Ensino Superior ultrapassou um milhão, enquanto que os homens ficaram muito aquém. Lamento, que decorridos 50 anos, persista a desigualdade de género, muito concretamente falando: a violência doméstica, a desigualdade salarial e a rara presença feminina nos cargos de chefia das empresas e nos de governação pública e estatal.

No que respeita à metamorfose das folhas do livro em aves e as asas brancas na parte posterior da figura feminina simboliza, metaforicamente falando, a vontade da mulher querer voar rumo à independência para concretizar os seus sonhos sem preconceitos. Na 2.^a tela, o vetor masculino também foi pintado com asas, mas questiono:

- Porque são os voos dos homens tão diferentes dos das mulheres?
- Porque sonham eles fazer a guerra, enquanto elas sonham não ter de chorar pela perda dos maridos e dos filhos?

AR – Isabel, explique a razão de só a asa esquerda do vetor masculino da 2.^a tela estar cortada e a sangrar?

A pintura como qualquer obra de autor está sujeita a várias leituras. Cada observador faz a sua. Sabemos que o artista é um crítico estético, social, político,... e usa a sua obra para exprimir, muitas vezes, aquilo que não consegue, não quer ou não pode transmitir por palavras. Será que o corte parcial da asa esquerda tem um sentido político? Será que todos vamos continuar a voar e ser livres mesmo que se pressinta que continuam a querer cortar- nos as asas? Ou acabou a tinta branca antes de concluir a obra?

Falei, anteriormente, que “os homens sonham em fazer a guerra”, perdoem-me aqueles que fogem dela e pensam de maneira diferente, mas senti a necessidade

reflexiva e crítica de representá-la nas minhas telas através do armamento militar (ver 2.^a tela - armas e *drone*).

Nos dias de hoje, os *drones* passaram de instrumentos de observação e reconhecimento a armas responsáveis por ataques aéreos ou aquáticos de retaliação mais mortíferos, que podem influenciar o curso dos conflitos geopolíticos. As armas a disparar nas mãos da figura masculina na 2.^a tela contrastam com o livro e os cravos da figura feminina da 1.^a, bem como a posição dos braços. Ela eleva-os como símbolo de Fé e Paz, já ele, na posição horizontal, como símbolo de destruição e morte.

Na 1.^a tela e sobre o oceano Atlântico, homenageio a coragem de milhares e milhares de soldados portugueses, que em “*defesa da pátria*” foram empurrados para combater nas ex-colônias (ver canto inferior direito da 2.^a tela), algumas delas: Angola, Moçambique, Guiné...) sem qualquer preparação contra um inimigo que não era seu. Isto faz-me lembrar as palavras de Mia Couto num dos seus livros, que ilustra bem o que acabo de dizer - “*Olhe bem para eles (soldados).. : este desgraçado aqui nunca antes tinha enfiado uns sapatos nos pés; e aquele ali, ainda o mês passado andava a pastar cabras. Nenhum deles pousou o traseiro numa escola. Tudo isto, porque Salazar teimava em manter a ideologia colonialista e perpetuar as possessões ultramarinas que, segundo ele, eram fonte inegável de orgulho e prestígio nacional.*

O Vera Cruz, aparece na 1.^a tela (ver canto inferior direito) por ter sido o navio a vapor onde viajei rumo a terras de África, como já referi. Este e mais duas dezenas de barcos, pois rara era a semana em que não partiam de Lisboa contingentes militares para as frentes de combate no Ultramar. Com o 25 de Abril foi possível fazer regressar todos os *magalas* (tropas) e dar a independência aos Países e povos coloniais que lutavam pela autodeterminação.

Por último, encontramos a representação gráfica do cérebro humano de forma diferente em cada tela. Como o conhecíamos há 50 anos da bibliografia escolar e a de hoje de computação avançada. Note-se, que os vetores humanos estão de costas para o observador.

Perguntar-me-ão porquê a escolha deste tipo de representação? O cérebro é o órgão mais importante do sistema nervoso. É de uma complexidade inquestionável. A Neurociência e o seu campo interdisciplinar fascinam-me.

E interessante compreender a interação entre neurônios, através das sinapses e neurotransmissores (mensageiros químicos como a dopamina, acetilcolina ou serotonina). A exemplo: a relação entre a estrutura cerebral da cognição e os comportamentos do ser humano são um desafio da ciência que estamos a conseguir descodificar, de forma não invasiva, nas últimas décadas.

Sabemos hoje que a aplicação da Neurociência é muito versátil: da educação à medicina e até à justiça. É por isso que gosto tanto das aulas de Neurociências da Prof. Ângela Brandão, que frequento na USALMA e recomendo vivamente, nesta descoberta da vertente “*ordem e caos*” dos mecanismos biológicos que governam e desgovernam o funcionamento do nosso cérebro.

Em termos artísticos e por curiosidade, o cérebro foi a última parte das telas que pintei. Estava a ser muito difícil transmitir graficamente a minha ideia inicial associada às técnicas de pintura, mas foi um desafio que me deu muito prazer concretizar.

AF – Sei que a Isabel se inscreveu na USALMA em outubro do ano passado. A título informativo, dois meses depois já estava a expor as suas obras.

Para quando a próxima exposição?

IM – Convido todos os interessados a visitar a próxima Exposição, na Oficina da Cultura em Almada, de 16 de novembro a 14 de dezembro próximo. Esta é uma parceria com o Mestre António Barreira professor de Pintura da USALMA. Na “*Dream Art*” vão estar expostas algumas dezenas de obras. Espero que seja do interesse dos visitantes, do público em geral onde as crianças não serão esquecidas. Entenda-se que sou caloiria nestas andanças, mas estou a ficar viciada nesta arte.

Agradeço à Senhora Presidente da Câmara Municipal de Almada pela cedência do espaço e à Direção da USALMA pela oportunidade e apoio que nos têm dado. A todos o meu muito obrigada.

AF – Da minha parte, agradeço o convite e a sua disponibilidade para me conceder esta entrevista. Lá estarei. Desejo-lhe muito sucesso.

Setembro de 2024

III – Testemunhos criativos



50 anos de Abril

Victor Neves



O meu 25 de Abril começou em 1969, quando a 1.^a tarefa que tive em artes gráficas foi levar provas tipográficas à censura.

Ganhei a noção da notícia porque a li no original, e ganhei a noção de um País que era impedido de o fazer.

25 de Abril, renascimento de um povo que vivia nas sombras, é bom não o esquecer-mos e termos a capacidade de o transmitir aos nossos contemporâneos.

50 anos depois vamos fazer o que o Zeca nos disse, «cada um com seu tijolo» (...) «e quem fizer o contrário é tolo.» *in Os índios da Meia-Praia.*

Associando-me a esta iniciativa da USALMA, deixo a minha homenagem a um Senhor que em tempos de pandemia desce a avenida da liberdade sozinho de bandeira nacional às costas. Tal como o senhor Carlos Ferreira, que já não está entre nós, brindamos ao legado dos Capitães de Abril.



Tempo dos Medos

Valter Deusdado

Quando atravessava o povoado, todos espreitavam através do postigo semi-fechado, para ver aquele homem, que mais parecia um Cristo acabado de descer da cruz.

Apresentava sinais de maus tratos e na cabeça via-se uma ferida que sangrava. O passo dele era vagaroso, um pouco oscilante como se tivesse dificuldade em manter o equilíbrio.

Era uma tarde cinzenta e triste de outono, de fraca visibilidade como se o céu estivesse coberto de pó.

Ninguém ousou vir em seu auxílio. Passavam os anos sessenta do século XX.

Soube-se dias mais tarde, à boca fechada, com se fosse um sussurro, que o homem tinha morrido só porque proferira palavras proibidas naquele tempo.

Eu estive lá

Memórias do 25 de Abril de 1974

Maria Antónia Jacinto

Naquela manhã, constatei, admirada, que as estações de rádio só passavam música de bandas militares, e no percurso para o trabalho, num escritório em Lisboa, vi demasiadas viaturas cheias de soldados a transitar pelas ruas, mas achei que eram manobras em larga escala, por isso tudo o que aconteceu naquele dia apanhou-me completamente desprevenida, assim como à maioria dos portugueses.

Era filha de alentejanos quase analfabetos, chegados a Almada havia alguns anos, ambos operários. Vivíamos pacatamente, habituados a aguentar os problemas da vida e do país sem nos queixarmos, desconhecendo tudo o que se relacionasse com política, apesar de ouvirmos falar em perseguições, prisões, torturas, exílios, mas eram conversas vagas, inacabadas, havia quem dissesse que eram boatos. Até ali limitara-me a ler, às escondidas, uns poemas de Manuel Alegre, ou ouvi-lo na rádio, a medo, num posto clandestino a partir da Argélia, onde ele se refugiara; uma vez tentei ler, de pé, sem coragem para apanhá-los, uns panfletos com mensagens revolucionárias que alguém lançara de avioneta sobre as ruas da capital.

Quando naquela memorável manhã cheguei à empresa, estava tudo numa confusão. Falava-se de revolução, de golpe de Estado, de liberdade... As lojas tinham fechado, ou nem tinham aberto, ninguém trabalhava, as pessoas tinham ido para as ruas.... Juntei-me a uma colega e fomos ver o que se passava. Afigurava-se-me que estávamos a viver um momento especial e eu queria fazer parte daquilo, ou pelo menos testemunhar.

Com o coração a bater desenfreado, engrossámos a multidão que convergia para os lados da Baixa. No cimo da rua do Alecrim, no largo de Camões, o povo aglomerava-se, os soldados faziam cordões humanos, continham todos com gentileza, não apontavam armas, não carregavam sobre as pessoas, obrigando-as a dispersar - como assistira uma vez, de longe, do alto do castelo de São Jorge para a praça da Figueira, num dia 5 de Outubro - pelo contrário, a sua

postura profissional não disfarçava a alegria que lhes bailava nos olhos, sobretudo quando alguém mais empolgado os abraçava. Agora eram dos “nossos”.

Ali, naquela manhã luminosa, nas ruas em alvoroço da nossa cidade, que amanhecera aparentemente igual a todas as outras manhãs, abraçávamos e éramos abraçados por desconhecidos, sentindo que agora éramos todos amigos, todos irmãos. Dávamos vivas a Portugal, à Liberdade, aos Militares.... Subíamos muros e escadas, escalávamos monumentos, andávamos ou corríamos pelas ruas, em sentidos diversos, seguindo o fluir dos acontecimentos, inebriados por sensações inexplicáveis de nervosismo, de apreensão, mas também de alegria e de felicidade...

Num certo momento, fomos impedidos de avançar para os lados do Chiado, dizia-se que podia ser perigoso porque uma força afeta ao governo não queria render-se, a PIDE, ali do outro lado, na rua António Maria Cardoso. Se era assim ou não, não interessava, o povo estava ali, não arredava pé, aumentava a cada hora que passava, e eu queria assistir a tudo o mais que pudesse. Para ver melhor chegámos mesmo a trepar um pouco pela estátua de Camões, disputando espaço a outros que já lá se haviam instalado, ocupando-a até ao topo. Os fotógrafos disparavam as suas câmaras em todas as direcções e quando algumas dessas fotos apareceram nos jornais eu sabia que estava lá, numa delas, sumida no meio da multidão entusiasta que assistia ao fazer da História.

As coisas ali demoravam a resolver-se, o impasse instalara-se, a impaciência assolava-nos. Entretanto soube-se que no largo do Carmo se passava algo muito importante e lá fomos nós, por percursos alternativos, no meio de magotes de pessoas que se cruzavam apressadas, não querendo perder nada do que se passava.

Uma vez no largo apinhado, mal passámos de uma das entradas e ali ficámos na cauda da multidão a tentar vislumbrar o palco dos acontecimentos, que nem sabíamos bem qual era, mas que devia ser o quartel do Carmo, lá ao fundo, para onde todas as cabeças se viravam. O tempo passava, informações contraditórias corriam de boca em boca, por isso, quando se ouviu os primeiros disparos, os mais assustadiços ou desinformados como nós, desataram a fugir pelas ruelas mais próximas. Só mais tarde soubemos os detalhes do que se passara pelos meios de comunicação social – os disparos às ordens do capitão

Salgueiro Maia, a chegada do general Spínola para conferenciar com Marcelo Caetano e por fim a partida deste último, transportado numa chaimite que o punha a salvo da sanha popular.

Entretanto, por todo o lado, sem se saber como, cravos vermelhos tinham começado a circular de mão em mão e eram oferecidos aos soldados. Tanta emoção coletiva até fazia vir as lágrimas aos olhos.

Após as primeiras horas de euforia, os ânimos acalmaram mais e o receio começou a instalar-se. O que aconteceria a seguir?!... Afinal tinha sido um golpe de Estado, uma coisa muito perigosa. Inicialmente senti-me fora de perigo por morar do outro lado do rio, se alguma coisa corresse mal; depois fiquei em pânico quando soubemos que os militares aquartelados no forte da vila recusavam render-se aos capitães que haviam desencadeado o golpe. Assim, no dia seguinte, eu e o meu marido, corremos para Lisboa, para casa dos pais dele, com o nosso filho ainda bebé, antes que as chaimites subissem as ruelas até ao forte. Uns meses antes assistira ao filme *Dr. Jivago* e só me lembrava do desespero daquela mãe à procura da filha, perdida na revolução russa durante tantos anos.

Nos meses e anos seguintes, do meu local de trabalho, na avenida D. Carlos I, que conduz no Palácio de S. Bento, fui assistindo à passagem de muitas manifestações populares, de diferentes partidos políticos, diferentes cores, diferentes convicções, e de muitas comitivas de figuras públicas nacionais e internacionais a caminho da Assembleia da República. Naquela avenida, nessas ocasiões, parava tudo por alguns minutos. Era mais um pedaço de História que víamos passar à nossa frente.

Foram vivências únicas que nos marcaram, a nós jovens e adultos daquela época de há 50 anos. Foram momentos da maior importância, a que assisti, que vivi na primeira pessoa, independentemente da leitura que deles se faça à luz dos novos tempos, de novas ideias e das consequências que deles resultaram.

Eu estive lá, naquele célebre dia 25 de Abril de 1974 e nunca me esquecerei.

O meu 25 de Abril foi a 27 de abril

José Simão

“Acorda Simão, acorda”. Foi aos gritos que o Palma entrou pelo meu quarto adentro. “Há uma revolução em Lisboa, temos que ir para o quartel imediatamente” insistiu. A princípio, estremunhado, pensei que era brincadeira. Ainda na véspera, na Escola Técnica de Tavira, onde lecionava no curso noturno, tinha dado conta aos meus alunos do desapontamento que fora para mim o falhanço do golpe militar de 16 de março, que veio a ficar na história com o nome de Intentona das Caldas da Rainha. Foi uma frustração e a desesperança por uma mudança de regime que tardava em chegar.

Perante a insistência do Palma vesti a farda apressadamente, deixámos a Rua dos Mouros onde alugávamos quarto, e dirigimo-nos em passos largos, como quem vai para uma festa, para o quartel que ficava situado a algumas centenas de metros de distância. Aí chegados, deparámos com a porta de armas encerrada ao contrário do habitual. Alguma coisa anormal se passava. Entrados no quartel, fomos então informados que a nossa unidade militar se encontrava de prevenção rigorosa de acordo com a ordem emanada do Comando da Região Militar sediado em Évora e que havia um golpe militar em Lisboa. A essa hora da manhã eram ainda escassas as informações e a sublevação militar tinha contornos indefinidos não se conhecendo com rigor as motivações dos militares revoltosos. Nas horas seguintes, com toda a guarnição encerrada nos muros do aquartelamento, fomos especulando com base nas parcas notícias que a televisão e a rádio iam debitando para os nossos olhos e ouvidos.

Naquele tempo, o quartel de Tavira era uma unidade militar dedicada à instrução de sargentos milicianos de infantaria. Aqueles jovens instruendos, com cerca de vinte anos, estavam destinados, na sua grande maioria, a ser mobilizados dentro de poucos meses como atiradores de infantaria para uma das três frentes de guerra nas colónias. A guerra não fazia qualquer sentido para quase todos eles e punha as suas vidas em pausa sobre todos os pontos de vista durante um largo período e, no pior dos cenários, poderia significar uma vida ceifada precocemente. Não é por isso de espantar que fosse enorme o interesse em acompanhar a evolução dos acontecimentos em Lisboa. Foram longas horas de espera num misto de esperança e temor. Muito falatório em

pequenos grupos, uns expressando o seu entusiasmo, outros receosos das consequências de uma eventual mudança política. Não faltaram os palpites e as conjecturas. Contudo, do comando da unidade nada transpirava, nem informações nem orientações.

No final do dia chegaram notícias da rendição de Marcelo Caetano e da assunção do poder pelo General Spínola em representação do Movimento das Forças Armadas. O povo de Lisboa, contrariando as orientações dos militares revoltosos, saiu em massa à rua apoiando e aclamando os seus novos heróis tal como fizera em 1383 e o golpe militar com o correr dos ponteiros do relógio foi-se metamorfoseando numa revolução popular. A queda do regime parecia agora irreversível.

Em Tavira, porém, tudo continuava na mesma. O estado de prevenção máxima mantinha-se e as deslocações para as refeições na messe, situada noutra zona da cidade, eram feitas em viaturas *berliet* com segurança à frente e à retaguarda para surpresa de alguns cidadãos perante esta conduta inusitada e desproporcionada.

O dia 26 de abril amanheceu sem novidades. A porta de armas permanecia fechada ao mundo. Do Comandante nem novas nem mandados, fiel à “velha senhora”, continuava na expectativa de um volte-face que repusesse as coisas na “devida ordem”. Os militares auto-aprisionados, oficiais, sargentos e praças continuavam atentos às informações difundidas pela rádio e pela televisão, mas um novo rumo para o país parecia firmar-se. O capelão, qual borboleta zigzagueante, andava de um lado para o outro, escutando o que se dizia sem, contudo, formular qualquer opinião, na expectativa de perceber para que lado caía o poder, como é típico dos membros do clero.

Uma coisa, porém, tinha mudado. Alguns tavirenses mais atentos às notícias, perdido o medo e as dúvidas iniciais, tinham-se dirigido em grande alvoroço e alegria para o quartel empunhando cartazes e gritando palavras de ordem de agradecimento aos militares e dando vivas à liberdade e à democracia. Mas nem isso demoveu o Comandante da unidade que manteve as portas fechadas, fiel às orientações da chefia da Região Militar.

A manhã de 27 de abril acordou sem qualquer alteração. Continuámos todos “presos” no quartel, aplicando os procedimentos adequados à situação de

prevenção máxima, aparentemente alheios ao que se passava fora dos seus muros, na cidade e no país. Sentia-se, contudo, um crescendo de impaciência e de nervosismo entre os militares. Em surdina comentava-se que entre os jovens oficiais havia alguns elementos com ligação ao Movimento das Forças Armadas e um deles era até filho do Comandante da unidade.

No refeitório, ao almoço, a ameaça de um levantamento de rancho por parte dos instruendos forçou o Comandante a tomar posição. Perante as tropas formadas na parada e como resposta à pergunta “estão comigo ou contra mim?” seguiu-se um enorme e significativo silêncio. A partir daí tudo se precipitou. O Comandante da unidade contactou o Comandante da Região Militar a quem apresentou a demissão e colocou as chaves da unidade à sua disposição.

Nomeado novo Comandante, este ordenou o levantamento da situação da prevenção, foi aberto o portão e finalmente, população civil e militar, puderam confraternizar e celebrar na linda cidade de Tavira a queda do regime fascista que oprimiu Portugal durante quase cinquenta anos.

Em conclusão, podemos afirmar que o 25 de Abril não chegou ao mesmo tempo a todos os lugares de Portugal. Os momentos mais marcantes da nossa história tiveram sempre lugar na capital e só depois irradiaram a todo o país. Nessa época Tavira ficava quase a um dia de distância do Terreiro do Paço e os meios de comunicação não tinham a celeridade dos nossos dias. Dizia-se que o regime tinha caído de podre mas aqui e ali foi necessário quebrar algumas resistências mais arreigadas à “velha senhora”. Foi o caso de Tavira cidade de onde saíram os cravos que deram nome à revolução e na qual o 25 de Abril só chegou no final do dia 27 de abril.

2024

O 25 de Abril

José Morais

Para mim, o 25 de Abril de 1974 começou por volta do meio dia desse mesmo dia. Estava na companhia do meu tio/pai a escutar as notícias radiais da Emissora Nacional, um hábito que já vínhamos tendo nos últimos anos. Recordo-me que ao contrário da habitual hora de notícias, nesse dia o noticiário somente durou 15 minutos, o que achamos estranho pois as notícias difundidas nessa hora foram de pouca relevância. Não houve menção de algum golpe de estado, nem a caída de qualquer governo na Metrópole (nome a que nos referíamos a Portugal).

Por volta das 14 horas, a minha prima mais nova chega a casa com a notícia de que o pai da melhor amiga dela (acho que ele era radioamador) lhe tinha dito que “qualquer coisa de estranho tinha acontecido na Metrópole” e que “havia imensa gente nas ruas de Lisboa”. Eu era um adolescente de 15 anos, e palavras tais como “fascismo”, “repressão” e “colonialismo” ainda não faziam parte do meu léxico.

As semanas que se seguiram foram impressionantes e inesquecíveis. A nossa cidadezinha que antes era pacata onde reinava quase sempre a monotonia, de repente se transformou num mar de convulsões. Diariamente havia algum comício, manifestação popular, ou demonstrações públicas de raiva contra o regime. Infelizmente, também houve atos de vandalismo, ameaças a certos indivíduos, queima de viaturas, o que levou à intervenção das forças de ordem. No nosso liceu, a agitação era permanente, vivia-se um clima de incerteza e grupos de alunos tentavam paralisar o normal funcionamento das aulas. Alguns professores mostravam-nos o seu desagrado a este comportamento, lembrando-nos que “liberdade não era o mesmo que libertinagem”. “Libertinagem? O que é isso?”. Nunca antes a tinha ouvido.

O 1º de Maio foi um dia muito agitado. Nos meus curtos 15 anos, nunca tinha visto nada semelhante. Havia imensa gente concentrada na Praça Nova, muitos carros percorrendo a cidade, e muita gritaria por todo o lado. Vim depois a saber que esse era o dia em que os presos políticos do Tarrafal iam ser libertados, e na Praça Nova iriam ser recebidos como verdadeiros heróis

pelos manifestantes. Na rádio só se escutavam canções revolucionárias onde expressões como “liberdade” e “somos livres” se ouviam constantemente. Houve uma canção que ficou na minha memória pois repetia constantemente estas frases em crioulo: “*Estive seis anos no Tarrafal/Sem poder ir ver a minha mãe/ Oh mãe para a eternidade*”. Curiosamente, só alguns dias depois desse célebre 1º de Maio de 1974 vim a saber que era o Dia Internacional do Trabalhador, dado que durante as celebrações nunca ouvi a palavra “Viva o Trabalhador” ou sequer “Viva o 1º de Maio”.

Tinha ficado evidente que em consequência de toda essa azáfama, esse alvoroço, essa atividade popular espontânea proporcionada pelo 25 de Abril, o país no seu todo tinha mudado para sempre, e nada voltaria a ser como dantes.

A liberdade

M.^a Antónia Jacinto

Mãe, o que é a Liberdade?

A Liberdade é coisa singela
Que nasce dentro de nós,
Por mais que se fale dela
E se tente explicar
Sempre é mais fácil sentir
A sua força a pulsar,
Porque às vezes anda perdida
Em tantos nomes que lhe dão,
Uns que são a própria vida,
Outros, mentira e traição.

Mas vou começar de novo
Do princípio, para veres
Como o querer de um povo
Pode mais que outros poderes.
Já deram à Liberdade
O nome de Independência...
Foi D. Afonso Henriques,
O nosso primeiro rei,
Que contra Castela lutou
Pela Pátria e pela Grei.

O mesmo fez o Mestre
De Avis, bem conhecido,
Nos campos de Aljubarrota
Nunca se deu por vencido.

E tudo se repetiria
Mais uma vez nesta terra,
Pois Espanha não desistia
De nos querer dominar;
Um grupo de conjurados,



Fartos de tanta opressão,
Jurou acabar de vez
Com aquela ocupação.

O país estava a morrer
Desde 1580
Quando a Liberdade soou
Em 1640.

Mas ainda não acabara
A cobiça das nações...
Sobre o país se abateram
Ainda três invasões,
Só porque um homem quis
Que passasse a ser Francês
Este povo destemido
Que sempre foi Português.

Que pena, Mãe!

Meu filho, meu pequenino,
Não fiques dececionado,
Liberdade também é sonho
Quando se está acordado.
Já foi até aventura
E também sabedoria!...

Escuta!
Um homem estava sentado
Em Sagres naquele dia,
Olhando o mar infinito
Estendeu a mão e pensou
Que ia mandar alguém
Saber se a Índia existia,
E Vasco da Gama provou,
Após tanto navegar,
Que a alma Lusitana
Não se pode aprisionar.



Conta mais, Mãe!

Um dia o povo descobriu
Na República a solução
De acabar com a herança
Do poder sem eleição.
Todos puderam votar
E dizer o que sentiam,
Mas com tantas coisas novas
Muitos ficaram confusos
E em breve não se entendiam.



Foi então que veio um homem
Decidido a comandar
E disse que a solução
Era trabalhar e poupar.
Que ele é que sabia
Como um pai severo e justo.
A Liberdade era a ordem
Que ele próprio criaria
E quem não fosse por si
Logo contra si seria.
Todos deviam segui-lo,
Obedecer e acatar,
Pois só havia uma lei
Que era a de Salazar.



E todos obedeceram?!

Não, meu filho, nem por isso...
Protestaram, não quiseram...
Zangou-se o homem e fechou
Seus corpos numa prisão
Onde acaba a Liberdade...
... Toda, toda, talvez não.
Fica sempre o pensamento
Que continua a voar
Mais livre que o próprio vento.



E depois?
Depois surgiu um homem
Chamado Humberto Delgado.
Queria repor a justiça
Neste país sacrificado,
Quis eleições e perdeu
Com as intrigas de Estado.
Não hesita Salazar,
A única solução era mandá-lo matar...
Se uma vez o vencera
N'outras podia falhar.



Oh, Mãe!

Mas o povo continuou
No dia-a-dia a lutar
A ser preso e a morrer
Sem desistir de gritar

LIBERDADE!

Um dia o grito foi grande
Desde a província à cidade,
Tantos centos, tantos mil,
Unidos na Liberdade
Do 25 de Abril!



Que bonito, Mãe!

A Liberdade é um bem
Que não se vende nem se compra
E por mais que a gente queira
Melhor bem nunca se encontra.
Por isso, filho, não esqueças,
Lembra sempre esta verdade,
Não prendas nunca ninguém
Com a tua liberdade!



Liberdade da Palavra

Manuel Valente

Quiseram silenciar-te,
Substituir-te por outra,
Riscaram-te de tom azul.
Enfrentas-te o medo, a desilusão
Persistente caminhaste,
Redobrando a atenção.
Reuniste desavindos,
Acautelaste os fracos,
Venceste a exclusão.
E numa noite,
Resististe à calúnia e perseguição
Saltas-te para o gira discos
Como quem reza ao seu Deus
Quebrando protocolos
Gritando “e depois do adeus”

Os cravos vermelhos

Olga Belo

Os cravos vermelhos, símbolo da revolução pacífica do 25 de abril, refletem não apenas a mudança política, mas também a esperança de um futuro inclusivo.

O espírito do 25 de Abril continua a inspirar a busca por uma sociedade mais justa e solidária, onde a diversidade é valorizada e cada indivíduo pode contribuir para um futuro melhor, pelo que as Instituições Particulares de Solidariedade Social - IPSS desempenham um papel importantíssimo.

À USALMA a minha gratidão pela inclusão de todos, todos, todos, pois juntos, Jovens e Seniores com as suas diferenças promovem a relação de proximidade para que em conjunto se mantenham Ativas e Felizes.

Mais uma vez Obrigada

USALMA professora Isabel Martins e professora Silvia Salazar.



IV – A nossa língua



Os nomes de rios e a história linguística de Portugal continental

(parte I)

Carlos Rocha

Introdução

It is, of course, impossible to say how great a proportion of the etimologies given in dictionaries should strictly be classed under each of the following heads: (1) certain, (2) probable, (3) possible, (4) improbable, (5) impossible – but I am afraid the first two classes would be the least numerous.

Otto Jespersen, 1922. *Language: its Nature, Development and Origin*

Neste artigo, apresentam-se os traços gerais de uma área da toponímia de Portugal: a potamonímia, ou seja, o conjunto dos nomes de rios.

Para começar, observa-se que o estado dos estudos de toponímia ou da toponomástica em Portugal pode ser resumido pelo diagnóstico direto e pouco animador de Carvalhinhos (2009): «Portugal carece [...] de estudos sistematizados em termos de toponímia enquanto disciplina linguística». A mesma autora, em nota, acrescenta: «Atualmente observa-se uma quantidade não expressiva de estudos isolados, em sua maioria sem relação entre si.» Este diagnóstico é confirmado por um filólogo e linguista português, João Paulo Silvestre, que, relativamente às fontes, numa síntese relativamente recente sobre o estado dos estudos de onomástica, considera que “[o]s estudos de onomástica portuguesa não são abundantes e a descrição lexicográfica reflete essa insuficiência de fontes críticas” (Silvestre 2016: 214).

O que a seguir se apresenta é uma síntese do que tem sido a minha investigação no campo da toponímia (cf. Rocha 2017). Neste estudo, procurei de algum modo contribuir para a recuperação de uma área de estudos da linguística que é eminentemente interdisciplinar, pois reúne muita informação extralinguística, convocando necessariamente a colaboração de especialistas em, pelo menos, duas disciplinas: a geografia e a história¹.

¹ Agradeço a Edite Prada e a Domitila Cardoso o convite e a oportunidade para proferir uma palestra na Usalma em 14/10/2024. Esta sessão está na base do presente texto.

1. Topónimos: algumas noções básicas

A toponímia é um subconjunto dos estudos de onomástica, área da linguística que tem por objeto os nomes próprios (normalmente os canónicos, semanticamente arbitrários). À toponímia cabe especificamente o estudo dos nomes próprios de lugares.

O termo *topónimo* é uma palavra formada pelos elementos *top(o)-* e *-ónimo*, respectivamente, do grego *tópos*, ou ‘lugar’, e *ónoma*, *atos* ‘nome, nome designativo de uma pessoa ou de uma coisa’ (*Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*). Como termo linguístico, *topónimo* é sinónimo das expressões *nome próprio de lugar* (Tort i Donada 2001) ou *nome próprio geográfico* (Mallorquí 2006: 11).

São nomes de lugar ou nomes geográficos todos os nomes simples e expressões compostas, usados ou em desuso, que designam (Moreu-Rey 1965: 7-8, *apud* Tort i Donada 2001 e Mallorquí 2006: 72/73):

- lugares habitados (nomes de países, comarcas, territórios de toda a espécie, aglomerações urbanas ou rurais, cidades, vilas, aldeias e lugarejos, ou subdivisões destas aglomerações – bairros, arrabaldes, ruas, praças, ou edifícios isolados de todas as categorias);
- lugares desabitados (áreas de terreno, objetos característicos);
- nomes de relevo interior ou costeiro (os também chamados orónimos), relativos a montanhas, planícies, planaltos, ilhas, cabos, baías, enseadas;
- os nomes onde se encontra água (os chamados hidrónimos), parada ou corrente, terrestre ou marítima: mares, lagos, rios e ribeiros, fontes, lagoas e áreas pantanosas;
- os nomes das vias de comunicação.

Acrescente-se que o termo *toponímia* significa não só ‘estudo dos nomes geográficos’ (cf. Vasconcelos 1926: 319, *apud* Fernandes 1952), mas também ‘conjunto ou sistema de topónimos’ (Fernandes 1952). Importa também assinalar que o termo *topónimo* tem muitas vezes por equivalente a forma *corónimo*, muito embora alguns autores atribuam a *corónimo* e *coronímia* sentido e escopo mais amplos que os de *topónimo* e *toponímia* (cf. Tort i Donada 2001).

Dentro da toponímia costuma fazer-se a distinção entre toponímia maior e toponímia menor. É difícil definir um critério claro que as diferencie, mas pode aceitar-se a seguinte distinção (Ferreira 2007):

- a toponímia maior é constituída por nomes dos povoados, rios de grande ou média extensão, acidentes do relevo, etc.;
- na toponímia menor (ou microtoponímia) incluem-se “nomes de locais perdidos pelo campo” (Ferreira 2007) ou nas próprias povoações e arruamentos.

Quanto à sua interpretação semântica, os estudiosos consideram de forma mais ou menos explícita, três tipos de topónimos:

1. Os topónimos transparentes, formados por nomes ou expressões do léxico comum e possuidores de sentido, uma vez que são composicionalmente interpretáveis, isto é, são interpretáveis palavra a palavra ou através dos constituintes de palavra (cf. Tort i Donada 2001). Por exemplo, Vila Real pode entender-se como «vila criada por iniciativa do rei e dele dependente» (cf. Machado 2003) e *Sobreda*, que deriva de *sobro*, sinónimo de *sobreiro*, e geralmente «área onde há sobreiros» (Sousa 2003: 218-220).
2. Os topónimos não transparentes ou opacos, ou seja, os que passaram por um processo histórico de transmissão que lhes alterou total ou parcialmente a estrutura fónica e morfológica original, com uma concomitante perda de sentido (cf. Tort i Donada 2001, Raposo e Nascimento 2013 e Kadmon 2000: 37/38). É o caso de nomes de cidades como *Braga*, *Viseu*, *Coimbra*, *Lisboa*, *Évora*, *Beja* ou *Tavira*.
3. A par dos topónimos transparentes e opacos, é possível considerar um terceiro tipo, os nomes “aparentemente transparentes”, que são casos de etimologia popular (ou *folk etymology*; cf. Kadmon 2000: 37/38). No concelho da Póvoa de Varzim, o nome da localidade costeira de *Aver-o-Mar*, o qual parece explicar-se pela situação, à beira-mar, tem origem obscura e aparece atestado na Idade Média sob a forma *Abonemar*, de muito incerta filiação árabe (cf. Machado 2003). Outro nome, este no nosso concelho de Almada, ilustra também esta categoria:

Existem também diferentes classificações que têm em conta o tipo de realidade geográfica designada. Fala-se assim em hidrónimo (nome de rio, lago, fonte), orónimo (nome de monte, serra ou montanha), odónimo (nome de caminho ou via) etc.

Finalmente, a respeito de história do léxico, incluindo os nomes próprios, tenha-se em conta o termo *estrato*, proveniente da geologia e, no contexto da linguística, o mesmo que ‘camada linguística da língua a partir da qual se perspetiva a história dessa língua’. Do ponto de vista do português, é estrato toda a camada linguística decorrente da implantação e evolução do latim nas antigas províncias romanas onde se desenvolveu o reino de Portugal, ou seja, a parte sul da Galécia e grande parte da Lusitânia. A maioria do léxico do português deve-se a esse estrato latino, que não se confunde com o latim clássico e se formou no contexto hispano-romano, constituindo as chamadas patrimoniais da língua portuguesa. Às línguas que interagiram com este estrato, antes da conquista e consolidação do poderio romano e depois deste atribuem-se os termos *substrato* (línguas pré-latinas, não indo-europeias e línguas indo-europeias, como o lusitano ou o céltico) e *superstrato* (línguas usadas depois da queda do Império Romano, como o gótico e árabe). São topónimos de origem pré-latina *Lisboa* e *Braga*, enquanto *Guimarães* tem étimo germânico (mais concretamente, gótico) e *Almada* se explica pelo árabe *al-ma* ‘dan’ ‘a mina’ (cf. Machado 2003).

2. Toponímia, etimologia e história da língua

Há quem dê à toponímia um estatuto científico autónomo. Como observa Ferreira (2007):

[...] [A] Toponímia é uma “ciência” inter e transdisciplinar, que não pode prescindir de ciências como a filologia e linguística claro está, mas também da geografia nas suas várias vertentes (física – climatologia e geomorfologia; e humana – histórico-civilizacional e económico-social), da história na longa tradição que a liga com a geografia, da antropologia, da biologia e ecologia, da física e química, da sociologia, da filosofia, da arquitectura, da engenharia, do direito, etc., pois cada uma destas ciências encerra saberes que nos podem permitir levantar uma ponta do véu, não apenas da origem, mas também das relações,

associações e possíveis evoluções. Tudo, absolutamente tudo o que se passe num determinado espaço geográfico – e todos os povos ou gentes, absolutamente todos – mais tarde ou mais cedo, vão reflectir-se nos nomes de sítios e lugares.

Contudo, para o objetivo deste trabalho, interessa reter que o estudo etimológico da toponímia é um precioso auxiliar para a História da Língua, suscetível de fornecer dados relativos a estratos linguísticos que, de alguma forma, podem ter intervindo na génese e desenvolvimento de línguas e dialetos atuais. Os nomes das povoações e dos acidentes geográficos refletem momentos de evolução social, política e cultural, definindo a história de um território.

No caso de Portugal, a toponímia testemunha a conhecida bipartição histórica e geográfica do país: a romanização, por um lado, e a permanente tensão entre Cristandade e Islão na Idade Média (nomes germânicos no Norte em contraste com nomes árabes e arabizados no Sul), por outro, moldaram a identidade toponímica das zonas hoje contidas nas fronteiras do Estado português. Não há estudos quantitativos exaustivos, mas parece poder afirmar-se que a maior parte da toponímia portuguesa é de origem latina, incluindo obviamente a criada depois da romanização, já durante a Idade Média. No entanto, é de salientar a contribuição da onomástica germânica sobretudo a norte do Mondego e, no Centro e no Sul do País, o número significativo de elementos árabes, muitos deles retirados do léxico corrente e da onomástica dos dialetos falados em Al-Andalus.

No contexto português, numa perspetiva mais ancorada na investigação filológica da passagem do século XIX ao XX, Leite de Vasconcelos propôs a organização dos estudos toponímicos em três vertentes (Vasconcelos 1931: 139-148): por línguas, por modos de formação toponímica (“gramática toponímica”) e pela motivação dos nomes em aspetos da flora, da fauna, de natureza solo, da história, da religião, entre outras causas. Para a discussão aqui desenvolvida tem interesse a tipologia relativa à origem linguística, na qual Leite de Vasconcelos incluía os tipos indicados no quadro 1.

Quadro 1 — Nomes de lugar por línguas, segundo Vasconcelos (1931: 139-148)

Tipo	Exemplos
nome pré-romanos	Braga, Idanha, Guadiana, Évora, Coima, Mondego, Tajuña <Tagonius, de Tagus (Espanha)
nome romanos	Beja, Chaves, Sagres, Monsanto, Castendo, Correlhã, Vidigueira, Cercal/Cerqueira, Cidade, Castro/Crasto, Crastelo, Castrelo, Cristelo, Beselga
nomes germânicos	Adorigo, Guilhufe, Guimarei, Salamonde, Telões (“predominam no Norte e na Beira, rareando no Sul”, p. 145)
nomes arábicos ²	Alcântara, Alcária, Alcântara, Mesquita, Odi- (em hidrónimos do Sul) (“aumentam da Beira para baixo”, p. 145)
nomes de procedência vária	Aranguez (Setúbal), Recamador (de Rocamador, século XIII, não localizado), Mocambo (do Brasil para Lisboa)
nomes portugueses propriamente ditos	“nomes provenientes de todas as fontes que formam o nosso léxico” (p. 147)

A proposta de Leite de Vasconcelos mantém atualidade, embora o conjunto dos “nomes de procedência vária” (Quadro 1) se possa integrar na categoria dos nomes portugueses, uma vez que se trata de empréstimos integrados já no período histórico da língua portuguesa. Além disso, uma vez que os termos *pré-romano* e *romano* dão sobretudo relevo aos acontecimentos que marcaram uma mudança cultural e política na Península Ibérica, afigura-se preferível empregar *pré-latino* e *latino*, de modo a vincar o carácter linguístico da perspectiva aqui adotada. Finalmente, embora os nomes germânicos constituam um estrato pouco ou nada relevante em certas categorias toponímicas – caso

² Leite de Vasconcelos define três zonas em função do grau arabização (Vasconcelos 1931: 143-147): a norte do Douro, com pouca influência árabe; entre Douro e Mondego e a sul deste rio (comarca da Beira), zona que pertenceu “do século VIII e XII, ora aos Árabes, ora aos Cristãos”; Estremadura e região a Sul do Tejo.

dos nomes de rios (potamónimos) –, convém mantê-los numa classificação toponímica por estratos linguísticos, dada a importância do germânico na globalidade da toponímia de Portugal continental. (continua)

Referências

- Carvalhinhos, P. 2009. “Projeto Atlas Toponímico de Portugal: Informes Iniciais, Critérios. Recorte: Projeto Variantes Lexicais Na Toponímia Portuguesa. A Questão Do Genérico.”. *Anais do SILEL*. Volume 1. Uberlândia: EDUFU, 2009, pp. http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2009_gt_lg04_artigo_6.pdf
- Dorion, H. 2023. *La Toponymie. Une science, un vocabulaire, une gestion*. Quebec: Les Editions du Septentrion
- Fernandes, A. A. 1952. “Toponímia”, *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. 32, Lisboa-Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia
- Ferreira, Carlos 2007. “A toponímia como património”, in Topónimos sítios chama-deiros, blogue [disponível em <http://chamadeiros.blogspot.pt/2007/09/toponimia-como-patrimnio1.html>]
- Kadmon, N. 2000. *Toponymy: the Lore, Laws and Language of Geographical Names*, Nova Iorque: Vantage Press
- Machado, J. P. 2003. 2003. *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*, Lisboa, Livros Horizonte
- Mallorquí, E. (ed.) 2006. *Toponímia, Paisatge y Cultura. Els noms de lloc des de la Lingüística, la Geografia e la Història*, Gerona: Associació d’Història Rural de les Comarques Gironines, Centre de Recerca d’Història Rural (ILCC-Secció Vicens Vives) de la Universitat de Girona i Documenta Universitaria
- Moreu-Rey, E. 1965. *Els noms de lloc. Introducció a la toponímia*. Barcelona: Unió Excursionista de Catalunya
- Raposo, E. B. P. e Nascimento, M. F. B. 2013. “Nomes próprios” in *Gramática do Português*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 991-1041
- Rocha, C. 2018. “Estratigrafia linguística da hidrotponímia de Portugal continental” / *Linguistic Stratigraphy of Mainland Portugal’s Hydrotoponymy*. *Revista de estudos da linguagem, Brasil*. Universidade Federal de Minas Gerais, V 26, n.º 3, 2018
- Silvestre, J. P. 2019. “Nomes portugueses, nomes de portugueses e nomes em português: norma linguística e mudança sociolinguística” in *Estudos Linguísticos e Filológicos oferecidos a Ivo Castro*, Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, pp. 1405-1416

- Silvestre, J. P. 2016. “Lexicografia” in Martins, A. M. et al. 2016. *Manual de Linguística Portuguesa*, pp. 200-224
- Sousa, R. H. Pereira 2003. *Almada. Toponímia e História*, Almada: Câmara Municipal de Almada
- Tort i Donada, J. 2001. «La toponímia com a camp de coneixement interdisciplinari. Algunes bases teòriques i epistemològiques per a l'estudi dels noms de lloc», *Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, N.º 86, disponible em <http://www.ub.edu/geocrit/sn-86.htm>.]
- Vasconcelos, J. L. 1926. *Lições de Filologia Portuguesa*, Lisboa: Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional
- 1931. *Opúsculos – vol. III. – Onomatologia*, Coimbra, Imprensa da Universidade

A revista *Memórias e Futuro* divulga textos que ilustram a vida da Associação de Professores do Concelho de Almada – Apcalmada e da Universidade Sénior de Almada – USALMA, constituindo-se como um documento relevante para o conhecimento da instituição e do serviço que esta presta à comunidade em que se insere.

